



JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ

**A IDENTIDADE CULTURAL PATAXÓ
POR MEIO DO ESPORTE**

Karkaju Pataxó



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

Formação Intercultural para Educadores Indígenas

Eujacio Batista Lopes Filho

Karkaju Pataxó

JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ

A IDENTIDADE CULTURAL PATAXÓ POR MEIO DO ESPORTE

Belo Horizonte

2017

Eujacio Batista Lopes Filho

Karkaju Pataxó

JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ:

A IDENTIDADE CULTURAL PATAXÓ POR MEIO DO ESPORTE

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Intercultural em Ciências Sociais e Humanidades.

Orientador: Prof. Drº. Edgar Rodrigues Barbosa Neto.

Co-orientador: Guilherme Marinho Miranda

Belo Horizonte

2017

Eujacio Batista Lopes Filho

Karkaju Pataxó

JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ:

A IDENTIDADE CULTURAL PATAXÓ POR MEIO DO ESPORTE

UFMG

Belo Horizonte

2017

DEDICATÓRIA

Esta dedicatória é do fundo do coração, em especial a minha esposa Leidiane da Silva Souza (Sirê Mayõ) e meus filhos Wesley e Awaysnáxáyrã e minha enteada Karollayne que são minha razão de viver e dedicação. Aos meus ancestrais e aos meus pais (em memória) por terem me ensinado os valores da cultura indígena e a nunca desistir dos meus sonhos. Através deles pude me tornar uma pessoa com valores e princípios que me ajudam a ser cada vez mais autêntico e dedicado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Niamisũ¹ pela família maravilhosa que tenho, pelo que acredito e sigo na minha fé.

As minhas irmãs e irmãos, Sirleide, Cirlaine, Sirlene, Irene e Igenilza e meus irmãos Ivonildo e Vilson, pelo amor incondicional e pelas palavras de incentivo e confiança para que eu pudesse continuar meus sonhos e objetivos.

Aos meus cunhados e cunhada, Tawá, Awoy, Eliseu, Amaynara, Cátia, Julio Cesar e meu sogros: Alzira e Zeca por confiarem em meu potencial e pela amizade. Aos meus sobrinhos e sobrinhas: Yamĩ, Wêranawê, Yacewara, Wêdxêwara, Guilherme, Mirely, Aiyra, Yamñawâ, Wê'unará, Isac, Janilson, Jamilson, Davi, Alexandre, Débora, Deyliane, Deisy, Denis, Wallace, Valéria e Vanessa. Ao Sr. Beto e Dona Maria pelo acolhimento nos Intermódulos na Aldeia Pataxó Barra velha, minha gratidão e os amigos Moises, Maria e Ernani da Aldeia Mata Medonha pelo acolhimento, aos professores da Escola Pataxó Coroa Vermelha pelo apoio, e aos amigos Juari, Ibui, Carla Follegati, Gabriela Follegati, Professor Ney Santos, Jayme Periard, Carlos Gouvêa, Renato Soares, Emídio Bastos, Hadja, Teresinha Siviero, Teresinha Maglia, Marcos Terena, Carlos Terena, Ana Júlia Chermont, Nazaré Rodrigues Trajano, Dioca, Dona Maria, Rod Pereira, José Ivan Maier, Débora Nascimento, Rivelino Macuxi, Vinicius, Taily Terena, Marcos Oliveira, Marco Antônio, Fernando Borges, Patxyá, Ângela Apurinã, Nitynawâ Pataxó, Naiara Pataxó, Edson Kayapó, Bira Pimentel, Jandaia, Karajá, Aruã, Raoni, Gabriel Florêncio, Rafaela Florêncio, Maria Dasdores, Alfredo Santana, Alfredo Braz, Frederico, Edmarco Ponçada, Tohõ, Diovania, Amagilda, Gelevaldo, Edleuza Alves, Aritana Braz, Rosangela Braz, Cacique Regi, Marli, Tainá, Geraldo, Dona Taquara, Benedito cacique, Gilmar Guedes, Irajá Pataxó, Nengo, Loro, Mero, Karajá, Siratã, Camila Guedes, Carla Camuso, Eurico Baniwa, Corujinha Pataxó, Aderno Pataxó, Carlos Caroso, Alessandro Myamoto, Maria do Rosário Amaral, Wilson Cruz, Richard Alves, Rafael Urrego, Luz, Enivaldo Piloto, Oiti, Bergue, Zito, Cascobreu, Aparecido Dutra e a tantos outros que estão sempre me ajudando e apoiando.

¹ Niamisũ: Ser criador de tudo que existe, Deus em Patxôhã.

Ao meu professor, orientador Professor Edgar e meu Co-orientador Guilherme, por aceitarem o desafio de contribuir para a construção desse trabalho e pelos seus ensinamentos e amizade que levarei por toda minha caminhada.

Minha gratidão a todos os funcionários da Faculdade de Educação que sempre foram prestativos e respeitosos.

Minha admiração e respeito pelo aprendizado que tive com o Povo Xakriabá pelo acolhimento nos momentos difíceis e alegres, bem como no convívio diário durante a minha permanência na Universidade Federal de Minas Gerais.

A minha irmã Sirleide pelo apoio incondicional durante todo o curso e por ser minha colega de turma se dedicou e me incentivou em todos os momentos, sem a sua cobrança e incentivo não teria seguido em frente e por me fazer forte nos momentos difíceis em mais precisei.

Aos professores, bolsistas e colaboradores do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas do curso de Ciências Sociais e Humanidades pelo carinho, dedicação e amizade.

Aos amigos Pataxó: Ibui, Henrique, Gabriel, Diovania, Regi, Amagilda e Vazigton e os amigos Xakriabá: Cidinho, Ariclones, Olivia e Geno pelas risadas compartilhadas.

A todas e todos que de alguma forma contribuíram direta e indiretamente com essa conquista, sem vocês, não teria chegado ao final desta etapa tão importante da minha vida. Quero dizer que vocês foram às fontes de ajuda e motivação, porque se não fossem vocês eu não estaria aqui, terminando este trabalho que para mim é uma grande vitória em termos de conhecimentos.

Meu muito obrigado a todos vocês!

MENSAGEM

“Nunca pegue o que não é seu se alguém deixou ali, vai voltar para pegar, e se não voltar, é por que aquilo ali não serve e se não serve porque você vai pegar”.

Autor: **Eujacio Batista Lopes** (em memória)

“Se tiver que chorar que chore, se tiver que sorrir, sorria e se tiver que bater palmas que bata, mas nunca deixe de participar dos eventos da aldeia, sejam eles quais forem”.

Autora: **Ivanilda Miranda Cahu** (em memória)

Belo Horizonte

2017

RESUMO

O objetivo deste estudo é descrever os Jogos Indígenas Pataxó como uma das manifestações do Povo Pataxó que contribui para o processo de afirmação de sua identidade cultural. Procurando contextualizar os Jogos Indígenas Pataxó da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha e os de Porto Seguro, percorre-se a história dos Jogos Pataxó desde os Jogos dos Povos Indígenas, a primeira edição na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha até os dias atuais, apresentando aspectos históricos, organizacionais, modalidades e regras. Os Jogos são realizados na aldeia de Coroa Vermelha, onde, desde 2000, são realizados os Jogos Indígenas Pataxó, abordando-se também os jogos como cultura e tradição indígena. Para traçar as perspectivas a partir das quais se pode considerar, e de que forma, os Jogos estão contribuindo para a afirmação da identidade cultural dos Pataxó por meio do esporte. Este referencial teórico foi entrecruzado com os resultados da participação direta e pesquisa de campo desenvolvida em várias edições dos Jogos, durante a realização dos VIII e IX Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro. As conclusões deste estudo são que, através da realização dos Jogos, os Pataxó estão afirmando e evidenciando sua identidade perante o mundo dito civilizado e perante eles próprios, pois, ao mesmo tempo em que apresentam suas tradições para os não índios, essas tradições vão sendo repetidas e incorporadas pelos Pataxó mais jovens, que passam a reconhecer e a ter orgulho de sua etnia. Essa apresentação esportiva/cultural vem também trazendo bons resultados no que se relaciona ao imaginário social sobre os Pataxó. Na análise de conteúdo, conversas, execução do evento, jornais e redes sociais, os Jogos Indígenas Pataxó foram associados à cultura, preservação, índio, valores, esporte e tradição, o que indica uma resposta positiva da sociedade diante do processo de afirmação da identidade cultural dos Pataxó.

Palavras-Chaves: Jogos Indígenas Pataxó, Aldeia Coroa Vermelha, Esporte Indígena.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capitulo 1. O Povo Pataxó	12
Capitulo 2. Os Jogos dos Povos Indígenas	19
2.1 Minha trajetória	23
2.2 Os Jogos Indígenas Pataxó	27
2.3 As modalidades Tradicionais e modalidades modernas	32
Capitulo 3. Desenvolvendo os Jogos indígenas Pataxó	34
3.1 Objetivos	35
3.2 Organização dos Jogos	35
3.3 Infraestrutura e equipamentos	37
3.4 Modalidades e Regras	38
Capitulo 4. O Patxôhã nos Jogos	51
4.1 A música e dança Pataxó	55
4.2 Pinturas e Símbolos	58
Considerações finais	60
Referencia	62

Introdução

Os Jogos Indígenas Pataxó são uma forma de incentivar a prática e tornar esporte os vários tipos de modalidades de armas, brinquedos, brincadeiras, jogos e utensílios, usados no cotidiano das aldeias pelo povo Pataxó, que são estimuladas pelos professores, em sala de aula, e nas atividades preparatórias para os Jogos Indígenas, nas Escolas Pataxó. Essa prática também servirá como incentivo ao fortalecimento da identidade coletiva da etnia Pataxó.

Neste trabalho ficou dividido em quatro capítulos, com o objetivo de traçar uma linha de tempo contando a trajetória dos jogos, e suas referências e a importância para a manutenção da cultura Pataxó. No primeiro capítulo falo da minha trajetória de vida e como me interessei pelo Jogos Indígenas Pataxó. No segundo, falo dos Jogos dos Povos Indígenas como referência principal para os Jogos Pataxó. No terceiro explico como são os Jogos Pataxó e sua estrutura organizacional e no quarto (último capítulo) minhas considerações sobre este processo.

A abordagem desse tema como objeto de estudo, na cultura indígena, não se restringe às estruturas do evento, mas engloba os processos sociais, econômicos e culturais que moldam a Cultura Pataxó. Os Jogos Indígenas Pataxó são hoje um dos símbolos forte da cultura Pataxó, daí a necessidade da integração esporte/cultura na reflexão e desenvolvimento de ações que concretizem tal princípio.

As imagens do passado são como “Memória/Arquivo de identidade”, que ao longo da história dos jogos é somada à determinação dos atletas, revitalizando aspectos importantes da cultura indígena, construindo um acervo intrínseco, tanto na busca de registrar, como nas projeções de natureza simbólica. Via da arte é essencial à elaboração da identidade étnica e das representações que nela se configuram na memória dos mais velhos, dos mais jovens e para as futuras gerações.

Em cada aldeia Pataxó, existem pessoas que desenvolvem conhecimentos específicos a respeito de certas categorias ou modalidade esportivas. Há sempre alguém que sabe arremessar melhor uma lança, usar um arco ou uma zarabatana; que sabe cantar ou fabricar um instrumento musical com mais habilidade e competência; há aqueles que sabem contar histórias com riqueza de detalhes e dominam o estilo de narração. No caso dos Jogos

Indígenas Pataxó, por exemplo: os atletas passam a conhecer e aprimorar as técnicas esportivas, aprendem a escolher e preparar as armas como os mais velhos que detém este conhecimento, melhoram o acabamento e a decoração. De outro lado, essas pessoas geralmente buscam aprender com os mais velhos o saber histórico e específico do uso das técnicas e as funções dos objetos, o significado simbólico dos elementos decorativos e suas cores. São os mais velhos que conhecem todos os detalhes técnicos e os critérios estéticos para que os objetos sejam apreciados pelos membros de sua sociedade, e por intermédio dessas pessoas, que podem ser chamadas de especialistas, através deles, fazem com que os conhecimentos se renovem e se transmitam às novas gerações.

Com a aceitação dos jogos junto às comunidades e aos participantes, ficou clara a necessidade de estudar esse tema para que sirva como base de pesquisa, fonte de referência e instrumento de ensino. Para que cada leitor, atleta e futuros participantes possam absorver a real característica dos jogos, que é a celebração da cultura e não uma competição onde haja ganhadores e perdedores, em que esses benefícios são percebidos num curto prazo. Graças aos processos de pesquisas nas aldeias podemos atribuir o resultado desse evento em sua íntegra aos professores, coordenadores, lideranças e pesquisadores não índios e pesquisadores indígenas Pataxó que juntaram esforços para revitalização e reconstrução da cultura Pataxó, a valorização dos costumes, dos valores morais e a preservação dos costumes tradicionais.

Considerando então, que os Jogos Indígenas Pataxó, se explorado em toda sua potencialidade, poderá contribuir de forma decisiva como um instrumento importante na revitalização dos valores ameaçados de extinção. Pode-se deduzir então, que os Jogos Indígenas Pataxó é bem mais e tendo alguns aspectos básicos dando maior subsídio de pesquisa e desenvolvimento da tradição, fonte de renda, fator difusor da cultura, meio de salvaguardar valores, costumes e técnicas e também um elo dignificante de união, trabalho, respeito e cultura.

Capítulo 1:

O Povo Pataxó

A origem da etnia Pataxó e sua cultura encontram-se no interior do Estado de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. Há vestígios de que os índios Macro-Jê² (tronco linguístico dos Pataxó), já habitavam a região Sul da Bahia. Após o ano 420 os Macro-Jê acabaram migrando para o interior, por conflitos com os índios Tupis. No entanto migravam em pequenos grupos da Mata Atlântica para o litoral a procura de alimentos, onde ficavam expostos aos confrontos como os Tupi.

Atualmente o povo pataxó vive em aproximadamente 40 aldeias espalhadas na região do extremo sul da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O povo Pataxó no seu cotidiano fala a língua portuguesa e desde 1997 estão em processo de retomada da língua Pataxó denominada “Patxôhã”. Este processo conta com a memória linguística dos mais velhos das aldeias Pataxó e este processo é coordenado pela coordenação Atxôhã³, que num processo contínuo de pesquisa tem retomado o uso da língua nas aldeias Pataxó.

A economia do povo Pataxó vem da produção e venda de artesanatos, pescas, agriculturas, pecuária, turismo, Etnoturismo, funcionários públicos e de pequenos comércios. O que a torna um das comunidades com o cotidiano já integrado à sociedade não indígena. Cada comunidade Pataxó vem ao longo dos anos se adaptando à uma nova realidade, mas na cultura e costumes é um povo só, são acolhedores e gostam de conversar ao redor da fogueira, tendo nos mais velhos um livro de histórias e resistência.

Sirleide Batista Lopes (Waiã Pataxó), coordenadora da Escola Pataxó da Jaqueira, durante uma conversa/entrevista, comenta alguns aspectos importantes sobre o povo Pataxó:

² Macro-Jê é um dos trocos linguísticos indígenas no Brasil. Os especialistas no conhecimento das línguas (linguistas) expressam as semelhanças e as diferenças entre elas através da ideia de troncos e famílias linguísticas. Quando se fala em tronco, têm-se em mente línguas cuja origem comum está situada há milhares de anos, as semelhanças entre elas sendo muito sutis. Entre línguas de uma mesma família, as semelhanças são maiores, resultado de separações ocorridas há menos tempo. <https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/troncos-e-familia>.

³ Grupo de pesquisa Pataxó que tem realizado pesquisas e intervenções sobre a cultura, história e língua Pataxó em todas as aldeias Pataxó, tendo em cada uma equipem de coordenação de área que é responsável pela identificação, divulgação e coleta de informações a cerca do Povo Pataxó.

Seus rituais variam de aldeia para aldeia: tem umas que realizam os rituais com mais frequência, outras só em épocas festivas. Há rituais que são realizados em umas e em outras não, como por exemplo, festas das águas nas aldeias de Minas Gerais, o lual ritual em noite de lua cheia, os Jogos Indígenas Pataxó e o Aragwaksã (Festa realizada na Aldeia Pataxó da Jaqueira) na Bahia. Na religião acreditam que Deus é tudo que tem na natureza, na água, no ar e na terra. A igreja hoje tem uma grande inserção nas comunidades pataxó enfraquecendo a participação de alguns indígenas nos rituais. Em rituais, manifestações ou atividades culturais das aldeias Pataxó geralmente são usadas vestes feitas de imbira (fibra retirada da árvore da biriba), cocares feitos de pena de galinha, pato, entre outras aves nativas da região, colares de sementes nativas, brincos feitos de penas ou sementes. Nas danças tem o maracá, considerado sagrado para o povo pataxó. As músicas são cantadas em português e no idioma do patxôhã⁴. (Waiã Pataxó, Coordenadora das escolas da Jaqueira⁵ e Juerana⁶, Entrevista dia 13/01/17).

A organização interna das aldeias pataxós geralmente segue um padrão onde existe um cacique, um vice cacique, e suas lideranças compostas por indígenas mais velhos da aldeia, ou até por algum jovem que tenha aptidão por liderar um grupo, sendo que todos fazem parte dos Conselhos de Caciques de suas regiões e atuam nas organizações dos movimentos indígenas da Bahia. As associações, cooperativas, conselhos e institutos que integram também as aldeias buscam captar projetos para melhoria das comunidades e são mantidas e administradas pelos próprios indígenas. Mas nem sempre foi assim segundo Bomfim:

Entre 1861 a 1939, os pataxó mantiveram-se na região do entorno do Monte Pascoal e tiveram que se unir a outros grupos indígenas com os quais mantiveram contatos ou vieram refugiados, garantindo assim sua sobrevivência e construindo suas vidas como se não bastasse, com a criação do Monte Pascoal em 1943, durante o governo de Getúlio Vargas, os pataxó enfrentaram mais um conflito dentro de seu território, quando se sentiram fortemente ameaçados. A criação deste parque previa a retirada dos habitantes do entorno da área em questão, no qual os pataxó estavam situados e, como resultado disso, em 1951, ocorreu um massacre denominado pelo povo pataxó de “Fogo de 51”. Esse massacre causou violência a integridade física e moral do povo pataxó, além da dispersão de muitas famílias pataxó que só aos poucos foram reerguendo suas vidas novamente em suas terras constituídas também outras comunidades ou passando a viver em outros locais circunvizinhos. (BOMFIM, Anari Braz, dissertação de mestrado, UFBA, p.20.).

⁴ Patxôhã é a denominação da língua do Povo Pataxó.

⁵ Aldeia Pataxó da Jaqueira, localizada no município de Porto Seguro/BA.

⁶ Aldeia Pataxó da Juerana, localizada no município de Porto Seguro/BA.

O Povo Pataxó que historicamente tem mais de 517 anos de contato, é um povo da floresta que conhece a mata como ninguém e que habitualmente aparecia ao litoral para pegar mariscos na praia. Ao longo dos anos vem mantendo seus costumes e tradições, fazendo adaptações e enfrentamento para manter sua cultura, deixando pra trás o nomadismo, lutando pela terra, sem deixar de lutar pelos seus direitos conquistados com muita luta.

Os pataxó como tantos outros indígenas no Brasil foram obrigados a deixar seus territórios por causa do crescimento imobiliário que se espalhou no entorno das aldeias, com objetivo de explorar os bens naturais e já que são áreas com grande potencial turístico e em regiões com riquezas mineras. O povo pataxó foi forçado a abandonar suas terras em Porto Seguro e andou por muito tempo em outras áreas como Ilhéus, Canavieiras entre outras cidades do extremo sul baiano.

Mas como todo índio é apegado ao solo primitivo eles voltaram e se distribuíram por algumas aldeotas perto de porto seguro cerca de 12 quilômetros. Viveriam em paz ate hoje se por volta de 1961, o governo federal não tivesse criado o Parque Nacional do Monte Pascoal. Depois que surgiu o PNMP, os pataxós nunca mais tiveram paz. Eles viviam uma vida de aculturalizados, mas sem as mínimas condições. (Folha 78, Prot: 2556/82, FUNAI⁷)

O trecho acima relata, o apego do povo indígena pelas suas raízes, o espaço onde o seu povo ancestral foi enterrado, marcando sua relação com a terra de origem. Começou então, em 1961, um entrave entre índios e guardas florestais que não queriam que os índios fizessem pequenas roças para seu sustento no entorno do Monte Pascoal⁸. Neste tempo, o entorno do Monte Pascoal e cidades vizinhas também eram passagem de vários grupos indígenas que sobreviviam de caça, frutos e mariscos e que transitavam no litoral em busca de alimentos.

Com tais características, a caça e a coleta tinham, proporcionalmente, mais destaque na economia destes grupos que a agricultura; e que o oposto se dava no caso dos Tupi costeiros, mais sedentários e capazes de exercer um domínio mais estável sobre um território específico, onde plantavam suas grandes roças de mandioca e milho, intercaladas por extensões de mata — áreas de caça e coleta —, além do domínio

⁷ Fundação Nacional do Índio.

⁸ Parque Nacional e Histórico do Monte Pascoal, localizado no extremo sul da Bahia, no município de Porto Seguro, possui a primeira porção de terra do Brasil avistada pelos navegadores portugueses. Nas primeiras décadas da colonização portuguesa, os povos indígenas se faziam ali presentes. (<http://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/194-parque-nacional-do-monte-pascoal>).

de importantíssimos ecossistemas costeiros, especialmente estuários, restingas e manguezais, ricos em proteína animal, além do acesso ao próprio oceano.

Os Tupi constituíam um conjunto cultural e lingüístico bastante homogêneo ao longo de toda a costa, ainda que fracionado em muitas unidades políticas locais de relativa flexibilidade, os grupos do interior só podem ser tomados como uma unidade por características bem genéricas, e, ainda assim, corre-se o risco de distorções.

Lingüistas sustentam a hipótese de que a região compreendida hoje pelo sul da Bahia, Leste e Nordeste de Minas Gerais e o Espírito Santo — dominada pelas grandes bacias dos rios Doce, Mucuri, Jequitinhonha, Pardo e de Contas — tenha sido a região original de concentração dos grupos do tronco Macro-Jê. Isto explicaria a sua grande diversidade lingüística, que compreende as famílias Botocudos, Puri, Kamakã, Maxakalí, que possivelmente inclui as línguas designadas Pataxó — não suficientemente conhecidas para uma classificação precisa — e talvez outras, além de línguas isoladas, cujos escassos registros hoje disponíveis também não permitem maiores discernimentos.

As grandes aldeias dos Tupiniquim se tornaram presas fáceis da conquista lusitana, iniciada por métodos "pacíficos" e completada militarmente quando já não era possível a resistência. Neste processo, as grandes concentrações indígenas — intensificadas pelo trabalho catequético dos jesuítas — foram amplamente dizimadas pelas epidemias européias, rapidamente alastradas, de modo tal que, ao se encerrar o século XVI, praticamente já não havia tupiniquins livres na atual costa baiana.

Das aldeias missionárias que, nas cercanias de Porto Seguro, chegaram a mais de uma dezena, apenas duas o sobreviveram: as de São João Batista e Patatiba, tornando-se as vilas de Trancoso e Vila Verde. (Texto extraído de Breve história da presença indígena no extremo sul Baiano e a questão do Território Pataxó do Monte Pascoal, Cadernos de História, Belo Horizonte, V.5, n.6, , pag, 31 Jul/2000, José Augusto Laranjeiras Sampaio).

Com o passar do tempo depois de muitas lutas, sofrimentos, massacres, morte de muitos indígenas, direitos violados e muita resistência do povo Pataxó, é com a persistência dos anciões em retomar seu território que hoje os seus descendentes podem usufruir um pouco destas terras. Se não fosse por eles talvez os Pataxó estariam extintos.

A história de Coroa Vermelha começou a mais de 500 anos, quando a chegada dos Portugueses na região hoje conhecida como “Costa do Descobrimento”. Sendo que os Pataxó são em sua grande maioria oriundos da Aldeia Barra Velha que após muitos anos houve um massacre nesse aldeamento causados por homens brancos desconhecidos, trazendo mortes, separação de famílias e dispersão do nosso povo em 1951, episódio que ficou conhecido como

“O Fogo de 51”, no qual morreram muitos índios espancados, outros se refugiaram em outros locais, assim formando outras aldeias. Foi ai que surgiu a aldeia de Coroa Vermelha e muitas outras.

Os primeiros índios que retornaram à Coroa Vermelha foi a família de Manoel Siriri, Itambé Pataxó e Chico índio, na década de 70. Após esta data muitos outros índios foram chegando pra este local, procurando meios de melhorias para sobrevivência, pois este lugar é um local turístico.

A Terra Indígena Pataxó de Coroa Vermelha foi criada pelo decreto 1775/1996 e homologada em decreto de Junho de 1998 e publicado no Diário Oficial da União em 10 de Julho de 1998, com uma extensão de 1493 hectares. Enraizados estão à aldeia da etnia Pataxó, descendentes da Aldeia Mãe Barra Velha. Após a demarcação da terra, a nossa comunidade despertou e se organizou em busca da afirmação de sua identidade.



Figura 1: Jogos Indígenas Pataxó, Aldeia Coroa Vermelha, 2007. Fonte: Karkaju Pataxó

Devido ao longo processo de inserção forçada no mundo dos não índios, durante anos o Povo Pataxó foi relegado ao obscuro, sofrendo vários ataques e represálias às tradições e

confinamento de sua cultura. Muitos foram obrigados a trabalhar nas fazendas em troca de um prato de comida, humilhando-se muitas vezes, deixando a sua forma tradicional de viver e sofrendo a rejeição do “ser índio”.

A construção de Coroa Vermelha em 1972, foi caracterizada pela atividade comercial, visando o turismo que surgiu como alternativa econômica diante principalmente da escassez de terra, e acabou por se tornar também um meio de ostentar e fortalecer sua identidade. Segundo GRÜNEWALD “O artesanato indígena Pataxó é criado para servir de *souvenir*, pois como mesmo dizem os índios, seu artesanato (na maior parte feito de madeira, consiste de gamelas, arcos e flechas, cocares, pentes, talheres, brincos, colares e pulseiras feitas com sementes etc.) é feito para que os turistas que passam por ali levem uma “lembrança do índio”. (GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Os ‘Índios do Descobrimento’: tradição e turismo, pag. 77.).

Em Coroa Vermelha, antes dessa época, os Pataxó eram considerados pessoas da comunidade e viviam suas vidas sociais como qualquer outro indivíduo morador de sua região, com habilidade basicamente agrícola. E sempre teve contato direto com o fluxo turístico, sendo ali, portanto, criadas as tradições indígenas como importante instrumento de construção de sua identidade étnica, para a própria viabilidade econômica da aldeia. Com objetivo de minimizar os impactos do contato com o não índio torna-se impossível, pois os Pataxó são plenamente inseridos na sociedade.

Podemos citar como um dos principais elementos para a formação e manutenção da cultura a Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha que ao longo dos anos manteve presente os costumes e valores da cultura Pataxó. A escola atual tem uma grande infraestrutura. A mesma foi construída por ocasião dos 500 anos do Brasil pelo MINC (Ministério da Cultura), com parceria do IPHAN⁹ e FUNAI. O modelo arquitetônico e o espaço natural são parte da grande beleza do local. A construção feita na época foi de acordo com nossos costumes e tradições e atendia a demanda da comunidade. E, pelo crescimento populacional que na época era de 285 famílias e hoje, são mais de 1.000 famílias, e as séries que estamos atendendo, isto é, de pré-escolar a 8ª série do ensino fundamental. A escola funciona em três períodos: matutino, vespertino e noturno. Com mais de mil alunos matriculados, a estrutura foi crescendo para

⁹ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

colher os alunos e hoje a aldeia conta também com um prédio da Escola Estadual Pataxó Coroa Vermelha que acolhe o 2º Grau do ensino médio.

Essa luta pela demarcação da Terra Indígena Pataxó Coroa Vermelha durou mais de vinte anos até que em 1997 foi homologada. Durante este período o nosso povo passou por várias mudanças: moradia, língua e a integração na sociedade, tendo que se adaptar ao convívio com os não índios. Mas para isso a comunidade teve que lutar muito para conquistar o nosso espaço. Os nossos líderes viajaram muito para procurar apoio das autoridades para reconhecer as nossas terras.

Portanto, agora está na hora de acordamos e buscarmos boa uma convivência com o passado, valorizando o que os nossos antepassados nos deixaram e nos preparando para um futuro melhor e menos sofrido. Para que no futuro, nossos filhos possam conhecer a história de sua nação e da nossa cultura, os Jogos Indígenas Pataxó tem um papel importante neste processo como amostra do passado.

Capítulo 2:

Os Jogos dos Povos Indígenas

“O importante não é competir e sim celebrar”.
Carlos Justino Terena,

Idealizador dos Jogos dos Povos Indígenas

No ano de 1996, por iniciativa e idealização dos irmãos Carlos e Marcos Terena, ambos da etnia Terena, e com o apoio do ex-ministro extraordinário dos esportes Edson Arantes do Nascimento - Pelé, os primeiros jogos dos povos indígenas, eram realizados em Goiânia. Os jogos são eventos de grande proporção, com uma estrutura de preparação de muitos meses. Contam com a participação e o esforço da população indígena que percorrem grandes distâncias territoriais em carro, barco ou avião.



Figura 2: Jogos dos Povos Indígenas, Cuiabá, 2015. Fonte Karkaju Pataxó

Uma das características mais importante dos jogos e esportes tradicionais praticados pelos povos indígenas no Brasil não estão relacionados com a competição, mas com uma verdadeira festa de expressão, verdadeira celebração, pois está permeado de rituais, em que a identidade cultural de cada etnia está representada. Não existe nos jogos indígenas uma

premiação para a equipe vencedora, o melhor troféu que eles recebem é a própria convivência e o encontro com os irmãos que vivem em outras áreas distantes.

Há uma história, uma vez eu tive uma visão-sonho, vi muitos povos indígenas que eu ainda não conhecia caracterizados, naquela mesma formação quando já estão dentro da arena quando da abertura dos jogos, estavam em campo que hoje não existe mais em minha aldeia. Eu na escola em Campo Grande, pra superar a discriminação resolvi praticar esporte, fui treinando tentando ser um grande fundista (10.000 metros), coisas que poucos atletas faziam naquela época, não era muito bom de bola e por isso escolhi ser goleiro de futebol de salão, pois nunca teria altura pra ser de futebol de campo. E assim fui ser o melhor, com isso a minha autoestima se elevará e aprendendo a ser Terena (essa experiência pessoal eu iria transportar para o coletivo lá no futuro, nos jogos). Mudei pra Brasília e daí sim tive oportunidade de conhecer outros povos, fundei a primeira seleção de futebol indígena - KURUMIM. Em 1984 somos convidados pra os JEB's - Jogos Escolares Brasileiros, mas a partir dos anos 80 paralelamente já tínhamos a ideia de realizar as "Olimpíadas Indígenas" (Carlos Terena, idealizador dos Jogos dos Povos Indígenas, ITC¹⁰, entrevista durante os Jogos dos Povos Indígenas, Olinda, 2007).

Os Jogos dos Povos Indígenas, realizado pelo Comitê Intertribal, Memória e Ciência Indígena (ITC) com apoio do Ministério do Esporte, é um dos maiores encontros esportivos culturais e tradicionais de indígenas. Local onde há o encontro entre Povos de culturas diferentes, mas que se convergem num grande evento. Seu objetivo central é promover o esporte, a cultura, os costumes, as formas de organização sócio-educacional como identidade das culturas autóctones, voltado à promoção da cidadania indígena, à integração e aos valores originais.

Os Jogos dos Povos Indígenas têm como objetivo específico (Comitê Intertribal, Memória e Ciência Indígena, 2009, Brasília):

- Proporcionar a cada participante, o conhecimento de novas modalidades esportivas tradicionais;
- Incentivar o coletivo na prática dos esportes tradicionais e, como consequência, propiciar uma vida mais digna e respeitosa no inter-relacionamento com toda a sociedade envolvida, resgatando assim, o orgulho do brasileiro nato, “o homem índio”;

¹⁰ Comitê Intertribal, Memória e Ciência Indígena, instituição que coordena os Jogos dos Povos Indígenas, com sede em Brasília/DF.

- Criar um novo conceito de se fazer conhecer e estabelecer uma relação de igualdade com a sociedade envolvente, cuja linguagem será também os valores principais dos elementos da natureza;
- Possibilitar através do esporte esse momento de respeito às diferenças e de promoção da diversidade cultural e étnica que caracteriza os indígenas brasileiros - Jogos do homem natureza;
- Demonstrar e possibilitar o intercâmbio das manifestações esportivas e culturais de cada povo indígena;
- Resgatar e incentivar nas etnias indígenas, as práticas de seus esportes e costumes tradicionais;
- Fazer a sociedade não indígena conhecer e valorizar todo segmento desportivo original indígena, como consequência, afastar o preconceito e estimular o respeito.

Dessa forma os Jogos dos Povos Indígenas Compreende-se em um grande evento que contribui para o desenvolvimento de um processo de *esportivização* das práticas corporais tradicionais, processo este que vem se propagando a partir da inserção do fenômeno esportivo em comunidades indígenas no Brasil.

Passando a ser a maior referência para a realização de Jogos Indígenas pelo Brasil a fora a exemplo dos Jogos Indígenas Pataxó que foi inspirado pelo Jogos dos Povos Indígenas e desde a sua origem foi se desenvolvendo através do espaço cedido pelos irmãos Terena que serviu como base para que os Pataxó evoluíssem em sua própria organização interna deste evento.

Um fator interessante é que os Jogos dos Povos Indígenas não são sempre no mesmo local, sendo itinerante e é comum que sejam afastados das grandes cidades, fazendo com que haja um olhar diferente para os Povos Indígenas e faz com que se crie uma nova relação deixando um legado nas localidades onde são realizados.

Ao longo dos anos os Jogos dos Povos Indígenas foram realizados em: 1996 foi em Goiânia (GO); em 1999 em Guaíba (PR); em 2000 em Marabá (PA); em 2001 no Pantanal (MS); em 2002 em Marapanim (PA); em 2003 em Palmas (TO); em 2004 em Porto Seguro (BA); em 2005 em Fortaleza (CE); em 2007 em Olinda (PE); em 2009 em Paragominas (PA),

em 2011 em Porto Nacional/TO, em 2013 em Cuiabá/MT e em 2015 foi realizado o 1º Jogos Mundiais dos Povos Indígenas em Palmas/TO.

É importante ressaltar que devido a esse fenômeno é grande o número de etnias que realizam os jogos internamente, como por exemplo: Pataxó, Tupinambá, Xerente, Pataxó Hã-hã-hãe, Koiupanká, Pankará, Paraci, Kuikuro, dentre outras.



Figura 3: Cocar Karajá, Jogos dos Povos Indígenas, Cuiabá, 2015. Fonte: Karkaju Pataxó

2.1 Minha trajetória

Meu nome é Eujacio Batista Lopes Filho, conhecido pelo nome indígena: Karkaju Pataxó, nascido aos 14 dias de maio de 1978, na cidade de Barueri, São Paulo. Sou filho de Eujacio Batista Lopes e de Ivanilda Miranda Cahu. Minha história é bem diferente dos demais indígenas da minha aldeia. Só aos 10 anos de idade que fui morar na aldeia, minha mãe não teve no seu registro de nascimento o sobrenome dos seus pais, por este motivo ela não sabia de qual família pertencia e de que povo era a sua descendência, mas foi convidada a fazer parte da etnia Pataxó, desde então foi reconhecida e fez por merecer, participou de vários momentos importantes da história Pataxó e ensinou os filhos a terem orgulho de fazer parte deste povo. Devido à sua luta fomos cada vez mais conquistando espaço na comunidade. Onde participei de retomadas, manifestações, festas e comemorações diversas.

Comecei meus estudos cedo só que devido à profissão do meu pai que era mecânico de máquinas pesadas tivemos que mudar de cidade e com isso tive que repetir algumas séries. Mas isso não foi motivo para perder meu interesse pelos estudos. Com apoio da minha família consegui concluir o segundo grau.

Estudei em algumas escolas nas primeiras séries e não me lembro o nome, só a partir da 2ª e 3ª série é que tenho lembrança do nome das escolas. A partir da 3ª série comecei a estudar na Escola Municipal Anésia Guimarães, em Eunápolis; na 4ª e 5ª séries estudei na Escola Municipal Antonio Aragão e a partir da 5ª série na Escola municipal Professora Nair Sambrano Bezerra, em Santa Cruz Cabrália, onde concluí o segundo grau.

Tive dificuldades para estudar na Escola Municipal Professora Nair Sambrano Bezerra. Pelo fato de ser da aldeia Pataxó alguns alunos não se interessavam em fazer trabalho em grupo. Por este motivo enfrentei muitos desafios. Em alguns momentos ficava clara a intenção preconceituosa dos alunos e de alguns professores quando era para escolher os grupos. Ir à escola pela primeira vez usando nossas pinturas causou um grande espanto a todos, tanto na aldeia quanto na escola, fui um dos primeiros indígenas a ir à escola fazendo uso da pintura. Com o passar dos anos fui conquistando a escola e com o número crescente de índios indo estudar em Santa Cruz Cabrália começou uma nova fase para nosso Povo.

Comecei meu trabalho na aldeia como liderança ainda estudando. Tive que conciliar este trabalho com o estudo, um novo desafio que me fez crescer e ser reconhecido como um

líder Pataxó. Essa escolha foi super importante, pois estudando e trabalhando como liderança pude viajar e conhecer pessoas que me ajudaram a crescer, fiz também vários cursos profissionalizantes melhorando assim o meu aprendizado. Fiz trabalhos voluntários, projetos, participação em conselhos, dentre outros. A partir do meu trabalho na comunidade tive a grata oportunidade de fazer parte de outros eventos nacionais e internacionais e com isso pude ser o primeiro Secretário Municipal de Assuntos Indígenas em Santa Cruz Cabralia e o primeiro no Brasil, e também pude trabalhar como diretor de turismo na mesma cidade.

Minha trajetória de estudo se mistura com meu trabalho na comunidade como liderança, que começou em 1999. Desde então venho buscando novos desafios e os Jogos Indígenas é para mim um desafio e também uma ferramenta de trabalho que me traz grandes realizações.

“Qual índio Não sabe pisar o seu barro?” (Abdias Alves dos Santos – *Dioca Pataxó*, 49 anos, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, Abril/2007).

Trago esta frase que marcou muito a minha percepção em relação ao meu envolvimento com a cultura indígena e os Jogos Indígenas Pataxó, em uma conversa informal com Sr. *Dioca Pataxó* onde falávamos dos Jogos dos Povos Indígenas e ele comentou que achava estranho as pessoas julgarem a participação dos Pataxó pela sua aparência física (Cabelo liso, olhos puxados) sendo que: “Qual índio não sabe pisar o seu barro?”. Segundo Dioca, qual índio não sabe dançar, cantar ou viver sua cultura.

Vejo nos jogos uma importante iniciativa de como poder conquistar novos horizontes e minhas expectativas são de contribuir e aprender com este objeto de pesquisa, no intuito de crescimento pessoal quanto profissional, este é um momento importante dentro das conquistas dos Povos Indígenas no cenário Nacional.

Nos Jogos dos Povos Indígenas iniciei como membro da coordenação a partir de um convite feito por uma empresa Congrega Bahia que prestou serviço na VII Edição dos Jogos dos Povos Indígenas em 2004 em Porto Seguro, na ocasião eu era vice cacique e fui indicado pelo cacique *Aruã¹¹ Pataxó* para representar a aldeia no evento, pois ele estaria em outras agendas. Foi então que por uma necessidade de ter um interlocutor com os líderes das

¹¹ Gerdion Santos do Nascimento – Aruã Pataxó, Cacique da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha.

etnias convidadas me contrataram para fazer essa interlocução, foi a minha primeira experiência como membro da equipe de coordenação dos Jogos dos Povos Indígenas, mas como eu já vinha participando de eventos, a convite de Marcos Terena foi fácil interagir com a equipe do Comitê Intertribal – ITC.

Em 2005 tive a oportunidade de atuar como vice coordenador Geral dos Jogos Indígenas Pataxó de Coroa Vermelha, a convite do cacique Aruã Pataxó que já vinha coordenando os Jogos Indígenas de Coroa Vermelha, como eu tinha participado da VII Edição dos Jogos dos Povos Indígenas em 2004, ele me convidou para ajudar na formatação do projeto e na sua execução, foi a partir daí que em 2005 pude assumir a coordenação geral e fiquei coordenando os Jogos, ao longo dos anos, até 2008 em Coroa Vermelha.

Em 2005, fiz uma proposta de mudar o formato dos Jogos Indígenas Pataxó, tirando o critério das competições de premiação por colocação e introduzir o que aprendi com os irmãos Carlos e Marcos Terena que é a celebração. No primeiro momento minha ideia de mudança foi vista com uma certa desconfiança, mas diante do conselho de lideranças assumir a responsabilidade do que eu havia proposto. Para surpresa de todos, o formato adotado foi um sucesso e desde então as edições dos Jogos Indígenas Pataxó de Coroa Vermelha passou a ser um evento com competições, mas também festivo.

Em 2006, a convite de Marcos Terena, fui participar de um “Workshop Sobre Transferência de Tecnologia” em Conceição do Araguaia durante o III Jogos Indígenas Tradicional do Pará. Para mim a escola dos Jogos Indígenas é o Estado do Pará, pois lá há um nível muito grande de organização dos Jogos Indígenas. Foi lá que me interessei a fazer parte da equipe de Coordenação dos Jogos dos Povos Indígenas e estabeleci como meta me tornar um especialista em Jogos Indígenas. No Pará conheci duas pessoas que passaram a ter um papel importante na minha trajetória como coordenador e pesquisador: Ana Júlia Chermont e Nazaré Rodrigues Trajano, tanto pelo acolhimento nos jogos como nas orientações que foram fundamentais para a melhoria dos Jogos Indígenas Pataxó.

Em 2000, a participação dos Pataxó nos Jogos dos Povos Indígenas se deu por meio de um convite feito para a Reserva Pataxó da Jaqueira. Nessa ocasião eu era o presidente da Associação Pataxó de Ecoturismo – ASPECTUR¹² ficando responsável pela organização da 1ª equipe Pataxó a participar dos Jogos dos Povos Indígenas em Marabá no Pará. Como era

¹² Hoje Instituto Pataxó de Etnoturismo da Aldeia Pataxó da Jaqueira

preciso ter um representante da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, tivemos que submeter o convite à coordenação Regional da FUNAI de Porto Seguro que na ocasião tinha um indígena como coordenador e o mesmo conduziu a equipe Pataxó para os eventos dos Jogos dos Povos Indígenas. Por falta de experiência, acabei me afastando dos Jogos, como líder da equipe, mas passei por um longo período tentando me firmar como coordenador dos Jogos dos Povos Indígenas, devido a minha participação como membro do Conselho do Comitê Intertribal e por já vir participando de uma série de eventos e cursos que Marcos Terena convidava. Em 2005 tomei coragem para pedir oficialmente as vagas Pataxó para os Jogos e na IX Edição dos Jogos dos Povos Indígenas realizado em Olinda/PE e em 2008, fui convidado para ser o representante da delegação. Como minha intenção era mudar o formato como vinha sendo conduzida as vagas, convidei *Juari Pataxó*, *Irajá Pataxó* e *Raoni Pataxó* para me ajudarem a montar a equipe. Foi então que, pela primeira vez na história dos Pataxó nos Jogos que tivemos a participação de sete Aldeias Pataxó, já que até então só iam representantes da Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha e até hoje conseguimos manter a representatividade de várias aldeias Pataxó.

Com a experiência adquirida ao longo dos anos nos Jogos dos Povos Indígenas fui aprimorando a condução dos Jogos Indígenas Pataxó, em 2013 fui convidado por *Juari Pataxó* da coordenação dos Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro para atuar como coordenador e poder fazer algumas alterações no formato como era realizado em Porto. Em 2014 tive que fazer o projeto técnico para o Ministério do Esporte e desde então estou como coordenador técnico dos Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro que no ano de 2017 realizamos a IX Edição. Graças a isso conquistei o reconhecimento pelo meu trabalho e tenho feito assessoria para outras etnias e participado de grupos de estudos sobre os jogos indígenas e também venho auxiliando outros pesquisadores nessa empreitada.

Com tudo, isso tenho a convicção de que este é um campo pesquisa muito vasto. Darei sequencia aos estudos e execução dos Jogos Indígenas como objeto de pesquisa e trabalho podendo assim me especializar neste tema.

2.2 Os Jogos Indígenas Pataxó

Em 1999 a convite de Marcos Terena, em visita à Reserva Pataxó da Jaqueira, os Pataxó foram convidados a participar em Brasília do evento em comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil, no projeto “Brasil Indígena 500 anos”, tendo como Povos convidados as nações indígenas Pareci, Karajá, Xavente, Terena, Fulni-ô, Kanela, Pataxó e Kuikuro. E os Pataxó foram numa delegação com 45 índios oriundos da Reserva Pataxó da Jaqueira, extensão da Terra Indígena Pataxó Coroa Vermelha. A delegação composta na sua grande maioria por jovens e com lideranças mais velhas foram participar do evento numa arena montada ao lado da Catedral de Brasília.

... Já em 1998, o Projeto Brasil Outros 500 começou a ser delineado por entidades ligadas aos movimentos sociais, que criaram o Movimento Brasil: 500 anos de Resistência Indígena, Negra e Popular. Entre as entidades estavam o Conselho Indigenista Missionário (Cimi); a Central Única dos Trabalhadores (CUT); o Movimento Negro Unificado (MNU); a Coordenação Nacional de Entidades Negras (Conen); a Central de Movimentos Populares (CMP); a Comissão Pastoral da Terra (CPT); o Conselho de Articulação dos Povos e Organizações do Brasil (Capoib); o Comitê 500 anos de resistência indígena, negra e popular; entre outros. Mas o projeto só começou a ser posto em prática no início de 2000. (<http://www.comciencia.br/reportagens/501anos/br07.htm> atualizado em 10/04/2001, acessado em 10/05/2016).

Ainda em 1999 participando do Seminário “Pacto do Descobrimento Pela Educação” em Eunápolis/BA, tive a oportunidade de conhecer uma representante do Canal Futura, a Márcia Pires, coordenadora do Telecurso 2000. No final do evento fui convidado para ir de taxi com elas para Porto Seguro no caminho fomos conversando sobre diversos assuntos relacionados à Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha, principalmente a necessidade de termos cursos profissionalizantes. Elas falaram dos programas realizados pelo Canal Futura e o que foi proposto para ser implantado na Escola Pataxó de Coroa Vermelha o Telecurso 2000 (Telecurso é um método de ensino supletivo de 1º e 2º graus desenvolvido pela Fundação Roberto Marinho e pela FIESP¹³, um projeto que envolve 200 profissionais das mais diversas áreas que transformam plano de aula em roteiro para a televisão, para o ensino a distância). Após essa conversa fiquei incumbido de indicar dois professores Pataxó e dois não índios como eu não tinha concluído o ensino fundamental não pude ser um dos professores, mas em Coroa Vermelha tínhamos pessoas formadas e com condições de atuarem em sala de aula

¹³ Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

como instrutores para o curso, foram convidados o professor Ademario Braz Ferreira e Edenildo Lopes Santana, ambos formados no curso de magistério indígena e os professores Claudio Benfica e Benedito Monteiro ambos professores da escola Nair Sambrano em Santa Cruz Cabrália.

O curso foi um grande avanço para o desenvolvimento de outros projetos na aldeia, pelo número de alunos que eram em sua maioria lideranças comunitária e que depois se tornaram referências em suas áreas de atuação a exemplo de *Nitynawâ*, *Jandaia* e *Naiara* Pataxó que estão até hoje a frente do projeto de etnoturismo da Aldeia Pataxó da Jaqueira.

Como atividade de final de curso do Telecurso 2000 foi proposto à realização da 1ª Olimpíada Pataxó como atividade esportiva/cultural e teve como modalidades as seguintes atividades:

- Arco e flecha;
- Confeção de Pinturas;
- Confeção de artesanatos;
- Mergulho;
- Pescaria;
- Corrida;
- Desfile;
- Cabo de força;
- Corrida com Maraká;
- Corrida com Tora;

Devido grande número de alunos que eram oriundos da Reserva Pataxó da Jaqueira, local onde iniciamos em 1.998 o primeiro projeto de etnoturismo Pataxó, local que serve como base para as praticas culturais Pataxó num ambiente que foi adaptado para estas praticas culturais e sendo hoje um projeto piloto referencia para outras etnias no Brasil e com a

infraestrutura apropriado para o desenvolvimento de tal prática, já que a Aldeia de Coroa Vermelha se constituía num ambiente mais urbanizado e que perdeu as suas principais características como aldeia, com casas de alvenaria e ruas pavimentadas, o que fragilizou a comunidade na sua busca pela manutenção da cultura, ficando a cargo da escola fazer esta manutenção junto com as lideranças e pesquisadores do Atxôhã¹⁴.

Alguns destes alunos tinham participado evento “Brasil Indígena 500 anos” em 1.999 em Brasília, e trouxe a experiência esportiva do evento e sugeriram a possibilidade de realizar como atividade no final do curso um evento esportivo/cultural, aí nasceu à ideia de fazer a 1ª Olimpíadas Pataxó tendo também como referência as olimpíadas devido o ano 2000 ter sido o ano das Olimpíadas.

A 1ª Olimpíadas Pataxó foi incentivada pelos professores do projeto Telecurso 2000 do canal Futura em parceria com a Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha e a Associação Pataxó de Ecoturismo (Hoje Instituto Pataxó de Etnoturismo), passando a ser um embrião dos Jogos Indígenas Pataxó. No ano 2000 os Pataxó foram convidados para participar dos Jogos dos Povos Indígenas em Marabá/PA, a convite de Marcos Terena e com essa experiência deu-se início a mudança do evento olimpíadas Pataxó para jogos Indígenas Pataxó.

Os jogos Indígenas Pataxó nada seriam sem a participação da comunidade, da escola e seus colaboradores. Não podemos definir um idealizador, mas um conjunto de fatores e de pessoas que fizeram deste sonho uma realidade.

Caçar, pescar e acordar pela manhã e ter que ir atrás da alimentação já pressupunha ter domínio de todas essas atividades. Antigamente os nossos antepassados já nasciam com esta necessidade de utilizar tudo isso que nos jogos indígenas atualmente se utiliza. (Professor Dr. Edson “Kayapó” Machado, trecho da entrevista durante a VIII Edição dos Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro, Novembro de 2014).

A fala acima de Edson, destaca então a determinação de um Povo em realizar um evento a partir de colaborações de diversos setores. A cada edição um aprendizado que fomentou o crescimento e reconhecimento por parte das aldeias participantes, durante os anos que realizamos os jogos pode-se notar os avanços culturais e de autoestima da comunidade, seja no uso dos adornos, das pinturas, quanto no uso da língua Pataxó e seus valores sociais e culturais como um todo. Os Jogos acontecem nos dias que o antecede, equipes na comunidade

¹⁴ Coordenação de pesquisa da História, Língua e Cultura Pataxó.

se organizando, discutindo o tipo de pintura, as musicas, os treinos, isso já é os jogos na sua essência.

Organizar e executar os jogos indígenas significa entre outras coisas, nós buscarmos o que nossos antepassados faziam, o que eles utilizavam como armas e ações de caça, de pesca de sobrevivência no rio, de sobrevivência no mar, na floresta e é isso que hoje nós resgatamos em forma de jogos indígenas... E hoje o que vem se discutindo é que não deve ter esse caráter de competitividade, mas é o caráter mais de fraternidade. (Dr. Edson “Kayapó” Machado, trecho da entrevista durante a VIII Edição dos Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro, Novembro de 2014).

A palavra “Jogos” não atende ao trabalho realizado tanto na escola, quanto fora dela, pois à essência do que é realizado busca trazer as praticas culturais, dissociando da pratica esportiva com disputas que definam ganhadores e perdedores. Mas há na realização do evento as atividades esportivas, culturais, sociais, econômicas, ritualísticas, dentre outros aspectos oriundos da cultura Pataxó. As perspectivas conceituais que norteiam a discussão foram buscadas principalmente no pensamento de HUIZINGA “Se alguma delas fosse realmente decisiva, ou eliminaria as demais ou englobaria todas em uma unidade maior. A grande maioria, contudo, preocupa-se apenas superficialmente em saber o que o jogo é *em si mesmo* e o que ele significa para os jogadores. Abordam diretamente o jogo, utilizando-se dos métodos quantitativos das ciências experimentais, sem antes disso prestarem atenção a seu caráter profundamente estético” (HUIZINGA, Homo Ludens, pag. 06, 2000, Editora Perspectiva S.A.).

Nos Jogos Indígenas Pataxó, podemos ver a participação de todos os membros da comunidade, sejam eles atletas ou não e não há separação por idade. Onde um ancião com mais de 80 anos pode participar a exemplo, da atividade de arco e flecha, com uma criança de 10 anos ou menos. A participação é coletiva e tanto homens e mulheres podem participar juntos, a única diferença são as modalidades onde é dividida por sexo e não por idade, mas não é uma regra, podendo haver atividades mistas.

Quanto mais nos esforçamos por estabelecer uma grande separação entre a forma a que chamamos “jogo” e outras formas aparentemente relacionadas a ela, mais se evidencia a absoluta independência do conceito de jogo. (HUIZINGA, Homo Ludens, 2007, p. 7).

Assim como HUIZINGA, podemos perceber que a palavra “Jogo” para o que se propõe os Jogos Indígenas Pataxó que é a celebração, o encontro, a vivência cultural, não é uma definição ou conceito, mas um meio de estabelecer uma relação com as atividades culturais atuais.

Os Jogos Indígenas Pataxó tomaram uma dimensão muito grande, expandindo-se para outras aldeias e até mesmo servindo de referência para outros povos, a exemplo dos Tupinambá, Koiupanká, Tuxá, Kiriri e os Pataxó Hã-hã-hãe. A estrutura de organização é particular para cada aldeia, não há a necessidade de uma aldeia realizar as mesmas modalidades da outra, por exemplo: a natação pode ser feita tanto no mar quanto no rio dentro da aldeia que seja propício para natação.

Toda a organização e experiência são para nós um aprendizado e os jogos indígenas 2014, trouxe um conhecimento novo, tivemos a oportunidade de participar dos jogos indígenas Pataxó de Porto Seguro da Bahia, graças a um belo projeto financiado pelo Governo Federal o Mais Cultura na Escola. Tivemos a oportunidade de oferecer a alunos, membros, lideranças a oportunidades de ver e participar com os Jogos dos Pataxó de Porto Seguro. Com isso tivemos uma repercussão grandiosa enquanto cultura, ficamos conhecidos culturalmente, com nossos cânticos e danças conquistamos e fizemos conhecer a outros povos. Foi uma experiência única para nós Koiupanká, nos deu a ideia em sentido amplo de como fazer os jogos indígenas envolvendo outros povos, tínhamos os jogos como forma didática, mas fazer com que outros povos participassem foi motivador para os discentes. (Relato de Francisco Koiupanká¹⁵ durante os Jogos Indígenas Pataxó de 2016).

Outro fator importante é a data de sua realização, podendo cada aldeia se adequar ao calendário próprio, não havendo assim uma preocupação em ser no mesmo período de outra ou até mesmo a quantidade de dias do evento. Os Jogos Indígenas Pataxó se tornou uma ferramenta importante na valorização e integração da cultura, bem como elevou a autoestima da comunidade. É visível o crescimento dos participantes, o melhoramento dos adornos e das pinturas e o surgimento de novas músicas e performance.

Sendo uma rica atividade com identidade própria de cada aldeia os jogos tem o papel de agregar as diferenças cotidianas de uma aldeia, sem deixar que isso seja um aspecto negativo. Pelo contrário, essa diferença faz com que a cada edição haja um enriquecimento

¹⁵ Etnia Koiupanká do Estado de Alagoas, participou pela primeira vez dos Jogos Indígenas Pataxó em 2016.

cultural, maior envolvimento dos membros das comunidades e cresce o número de atletas indígenas e de modalidades.

2.3 As modalidades tradicionais e as modalidades modernas

Para melhor organização dos Jogos Indígenas Pataxó foi elaborado para cada modalidade as regras como forma de instrução onde fosse possível ter uma ferramenta comum para que todas as equipes tivessem uma orientação para participar dos jogos. Mesmo que não tenhamos o intuito de obter campeões nos jogos e sim celebrar a cultura esportiva como base de interação social e cultural foi necessário a elaboração destas regras, sendo que para cada jogos ou evento nas aldeias elas podem e devem ser mudadas de acordo com as especificidades locais e culturais de cada comunidade ou etnia. Portanto fizemos pesquisa nos diversos Jogos Indígenas locais, regionais, estaduais, nacionais e internacional de forma o orientar a coordenação e os líderes de equipe. Segundo HUIZINGA:

Estas regras são um fator muito importante para o conceito de jogo. Todo jogo tem suas regras. São estas que determinam aquilo que "vale" dentro do mundo temporário por ele circunscrito. As regras de todos os jogos são absolutas e não permitem discussão. Uma vez, de passagem, Paul Valéry exprimiu uma ideia das mais importantes: "No que diz respeito às regras de um jogo, nenhum ceticismo é possível, pois o princípio no qual elas assentam é uma verdade apresentada como inabalável". E não há dúvida de que a desobediência às regras implica a derrocada do mundo do jogo. O jogo acaba: O apito do árbitro quebra o feitiço e a vida "real" recomeça. (HUIZINGA, Homo Lundens, 2000, p. 12).

No início das atividades dos jogos não havia regras pré-definidas, elas foram sendo elaboradas e aprimoradas a cada edição dos Jogos de acordo com sua coordenação. Só na VI edição em 2006 quando assumir a coordenação geral dos Jogos Indígenas Pataxó de Coroa Vermelha é que foi possível mudar a filosofia dos Jogos Indígenas Pataxó, nas edições anteriores o evento tinha como regra a disputa por colocações e premiações de 1º, 2º e 3º lugar, o que acabava gerando atrito entre os atletas das equipes participantes, era muito comum ter reclamações por pontos e até brigas entre os esportistas que questionavam as regras criadas para cada modalidade.

[...] Com a mudança dos jogos sem pontuação ficou bem melhor participar dos jogos. Eu já queria parar de participar, o pessoal "deles"

ficava roubando pra equipe ganhar, pois a nossa equipe era mais forte. (depoimento da atleta Sirleide Batista Lopes - Waiã Pataxó, durante a VII Edição dos Jogos Indígenas Pataxó de Coroa Vermelha, após o termino do evento, 23 de Abril de 2007).

As mudanças se fizeram necessárias por uma cobraça da própria comunidade que buscava ter um evento que unisse a comunidade e que não criasse atrito entre os participantes. Foi então apresentada uma nova proposta de trazer a experiência dos Jogos dos Povos Indígenas que tem como lema: *“O importante não é competir e sim celebrar”*, e essa nova proposta foi acolhida pelo conselho de lideranças da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, e eu assumir a responsabilidade de refazer o projeto e seu conceito. Essas mudanças foram vistas como certa estranheza já que as equipes estavam condicionadas a disputas por troféus, medalhas e premiação em dinheiro.

Hoje temos como referencia os Jogos dos Povos Indígenas que faz a premiação por participação e não por classificação de ganhadores, mantemos os troféus e as medalhas, onde cada equipe recebe essa premiação por participação.

As modalidades disputadas variam um pouco entre os torneios, podendo cada aldeia ou etnia definir quais vão apresentar e ou cada evento pode ter a exclusão ou acréscimo de modalidades, para melhor organização dos Jogos Indígenas Pataxó foi elaborado para cada modalidade as regras como forma de instrução onde fosse possível ter uma ferramenta comum para que todas as equipes tivessem uma orientação para participar dos jogos.

As modalidades e regras foram se consolidando ao longo de cada edição dos Jogos e hoje podemos contar com as várias atividades esportivas e culturais, não sendo uma regra definitiva, tão pouco um único modelo a ser seguido, pois há jogos e brincadeiras que não aparecem neste trabalho de pesquisa, mas que merecem futuramente uma atenção maior.

Capítulo 3:

Desenvolvendo os Jogos Indígenas Pataxó

A formação das equipes é feita muitas vezes nas escolas, pois os jogos estão bem inseridos no contexto escolar. Mas isso não impede de que algum membro da comunidade manifeste interesse em formar uma equipe. Cabe ao coordenador da equipe orientar os atletas para estarem usando trajes tradicionais ou que representem sua etnia, isto é, com tanga, cocar, pintura corporal e outros instrumentos todos de origem indígena, uma forma de despertar nos atletas os valores que representem sua equipe, aldeia ou etnia. Para confecção dos adornos é permitido o uso de materiais industrializados e de animais domésticos para que não haja o abatimento de animais silvestres.

Cada equipe deverá ser composta por no mínimo 20 atletas, sendo metade homens e a outra metade mulheres. A equipe poderá ter um número maior de participantes nas apresentações culturais, sendo de suma importância a participação de crianças nas equipes. Cada atleta é orientado a participar de uma modalidade, de forma que outros atletas possam participar das modalidades, mas há exceções como na corrida rústica, Corrida com Maraká, futebol, cabo de guerra e canoagem.

O coordenador da equipe junto com seu grupo define que pintura será usada e quais as músicas e apresentações irão fazer. É muito comum que uma equipe faça os ensaios e preparações em locais fechados, de forma a manter em segredo o que será apresentado. Compete ao coordenador ser uma espécie de técnico da equipe definindo os horários de treinos esportivos e culturais.

Os treinos esportivos são realizados em locais de uso comum da aldeia, neste local as equipes treinam as modalidades coletivas e individuais. Já as atividades culturais são feitas em locais fechados para manter as performances dos ensaios protegidas e só no dia do evento é que são mostradas.

É neste momento que podemos perceber a criatividade das equipes que trazem novas formas de cantos e danças, adornos diversos, músicas novas em Patxôhã¹⁶, pinturas específicas para a ocasião dos jogos e elementos novos que dinamizam a cultura Pataxó.

3.1 Objetivos

O objetivo dos Jogos Indígenas Pataxó é realizar os Jogos e o de afirmar e valorizar a cultura Pataxó como forma de integração entre as aldeias Pataxó, através das atividades esportivas e culturais preservando os símbolos e os valores da sociedade Indígena.

Através dessa iniciativa podemos aprender o significado cultural valorizando os Jogos indígenas Pataxó através das competições, levantar os símbolos culturais, incentivar a participação dos mais velhos, interagir com outras comunidades e etnias diferentes, realizar intercambio cultural, aprender histórias, lendas, músicas, o uso dos utensílios, registrar os conhecimentos da cultura Pataxó, como brincadeiras e jogos, uso da pintura, maneira de vestir e obter elementos para refletir e reconstruir a cultura Pataxó.

Os Jogos abrem um espaço para vivência da cultura e afirmação da identidade Pataxó visando uma comunidade mais consciente da sua origem étnica.

A realização dos Jogos Indígenas justifica-se pela importância de firmar um momento onde é possível compartilhar os conhecimentos indígenas por meio das práticas educativas na comunidade indígena.

A elaboração desse evento é importante para a consolidação e divulgação dos resultados das experiências das aldeias convidadas e do material de pesquisa realizada pelos pesquisadores indígenas Pataxó.

3.2 Organização dos Jogos

A coordenação dos jogos atuará como facilitador na identificação e organização das equipes, organizando-as quanto à ordem de apresentações culturais, horários das competições,

¹⁶ Patxôhã: Nome da Língua do povo Pataxó

alojamento, transporte e alimentação, bem como suporte às equipes e os atletas caso tenha algum tipo de acidente durante todo o evento. As equipes devem ser formadas por 20 atletas, sendo 10 mulheres e 10 homens, caso haja um número maior de atletas fica mantida a participação dos que forem inscritos, sendo que os que não forem podem participar das atividades culturais ficando de fora apenas das competições.

Cabe a coordenação orientar as equipes para que tenha a participação de crianças e os anciões acima de 50 anos, serão os convidados de honra. O objetivo da mesma é incentivar a participação dos mais velhos nos jogos, valorizando os seus conhecimentos e experiências tradicionais.

Toda equipe tem que ter um representante que responderá pelos demais no caso de alguma irregularidade, mudança da programação ou reclamações que venham ocorrer durante o evento.

As equipes deverão apresentar o seu nome, a musica que será cantada na abertura do evento e seus atletas com as fichas de inscrição devidamente preenchidas, informando o nome dos mesmos para as respectivas modalidades.

Masculino: Arco e flecha, Arremesso de Takape, Patiw Miwka'ay¹⁷, Bodoque¹⁸, Zarabatana, Corrida rústica, Corrida com Maraká, Cabo de guerra, Canoagem, Natação e Corrida com Tora.

Feminino: Arco e flecha, Patiw Miwka'ay, Zarabatana, Corrida rústica, Corrida com Maraká, Cabo de guerra e futebol.

Os coordenadores devem acompanhar, passo a passo, o desenvolvimento dos Jogos. Verificar-se-á as influências desse intercâmbio (índios x sociedade “branca”) como fator de mudança cultural. Para isto impõem-se as contextualizações das competições culturais o qual foi produzido de acordo com o conhecimento cultural e o que vem da influência da sociedade

¹⁷ *Luta corporal Pataxó*

¹⁸ Bodoque: Arco com duas cordas e uma rede ou couro com que se atirar bolas de barro e ou de pedras. O bodoque é muito usado para caçar pássaros e animais de pequeno porte, por ser um instrumento uso fácil e que arremessa pedras com muita força. Nos Jogos há uma apresentação de como é usado, mas não como competição, alguns representantes das equipes ou de aldeias fazem a demonstração de como deve ser usado.

adaptada ao contexto sociocultural, pois não se podem isolar as modalidades não indígenas da vida associada ao cerimonial da comunidade indígena.

Ao final de cada dia, deverá ser feita uma avaliação mediante reunião com os representantes de cada equipe objetivando o monitoramento da evolução dos Jogos.

3.3 Infraestrutura e equipamentos

Infraestrutura dos Jogos: é a adequação do ambiente para receber os visitantes e atletas durante o evento, isto é, acesso ao local, casas tradicionais, banheiros, Cozinha, alojamento e etc.

Equipamentos esportivos: Arcos e flechas, Tora de madeira, Zarabatanas, Cordas para o Cabo de Guerra e isolamento da arena, Bolas de futebol, Canoas ou caiaques, Takapes¹⁹, Alvos, Marakás²⁰, dentre outros.

Atrativo ambiental e cultural: São as coisas construídas ou existentes em um lugar, podendo ser artificial ou natural para trazer, chamar, fascinar ou seduzir as pessoas a visitá-lo: os atletas, a pintura corporal, as músicas, danças e armadilhas tradicionais, a comidas e os artesanatos tradicionais, as atividades esportivas e culturais.

Atividades culturais – São as atividades ou meios que são usados para envolver os visitantes enquanto permanecerem no local, isto é, fazer apresentações de danças e cantos, exposições fotográficas sobre a cultura Indígena, participação dos visitantes em jogo de arco e flecha, corrida com tora, mostrar como se confecciona o artesanato, fazer pequenas pinturas corporais, envolver os visitantes nas danças e músicas, tirar fotografia, fazer filmagem, etc.

Nos Jogos Indígenas devemos formar as seguintes equipes de coordenação:

Coordenações: Geral, Cerimonial e Recepção, Cultural, Desportiva, Fóruns, Infraestrutura, Transporte, Alimentação, Hospedagem, Segurança, Saúde, Material, Limpeza, Finanças, Imprensa, Exposição Fotográfica, Oficinas, Voluntários e Secretaria Executiva.

¹⁹ Lança feita de madeira.

²⁰ Chocalho, instrumento usado em rituais.

Todas as equipes devem ser integradas uma as outras para ter um desempenho operacional com eficiência, desempenhando cada um a sua função.

3.4 Modalidades e regras

CORRIDA COM TORA:

A corrida com tora representa as histórias contada pelos mais velhos sobre o casamento pataxó. Atualmente há um esforço para que este costume volte a ser realizado nas aldeias Pataxó, no entanto as aldeias em que fazem anualmente a celebração do casamento Pataxó são as Aldeias Pataxó do Estado de Minas Gerais que celebram em Outubro durante a “Festa das Águas” e o Aragwaksã na Aldeia Pataxó da Jaqueira na Bahia que celebra no dia 1º de Agosto (Festa que comemora o aniversário de criação da Aldeia Pataxó da Jaqueira). A Corrida com Tora representa de forma simbólica a tradição de carregar uma pedra ou tora de madeira com o peso equivalente ao da noiva diante da comunidade como forma de demonstrar que estar apto para sustentar uma família. O casamento tradicional é realizado pelo cacique junto com outros líderes e em alguns casos com a presença de representantes da FUNAI que fazem a parte jurídica do casamento.

A tora foi inserida nos Jogos Indígenas Pataxó também por influência dos Jogos dos Povos Indígenas que tem essa modalidade praticada por várias etnias, a exemplo do Povo Xavante, Xerente, Kanela, dentre outros. Até a oitava edição dos Jogos a corrida de tora integrava apenas as modalidades demonstrativas. A partir da nona edição, no entanto, ela passou a fazer parte da competição. Para tanto as toras foram padronizadas – 80 cm de comprimento com 50 cm de diâmetro. A tora é colocada então sobre os ombros do corredor e conduzida individualmente com grande velocidade. Os outros integrantes da equipe podem auxiliar o corredor no equilíbrio da tora sobre o mesmo. A passagem é dinâmica e o condutor da tora realiza um giro colocando-a sobre o ombro do companheiro. A equipe de cada etnia é formada por 12 corredores e três reservas. (Modalidades disputadas nos Jogos dos Povos Indígenas, Comitê Intertribal).

Esse rito representa um importante aspecto da cultura Pataxó foi adaptada aos jogos como forma de atividade esportiva, onde cada equipe é representada por dois atletas que fazem um percurso de cerca de 200 metros com revezamento de 100x100m com uma tora de

madeira de aproximadamente 60 kg, a colocação é definida pela equipe que fizer o percurso em menor tempo.

As regras da Corrida com Tora Pataxó são:

- Todos os atletas devem correr com trajes típicos (Tanga e cocar);
- Não é permitido correr sem tanga (Vestimenta Pataxó);
- Os colares e adornos que atrapalhem na condução da tora podem ser retirados;
- Caso a tora caia o outro atleta pode ajuda seu companheiro para continuar a corrida;

Atualmente um dos principais corredores com tora e que mantém desde a primeira edição o título simbólico de campeão é Awoy Pataxó, professor de Patxôhã e coordenador do grupo de pesquisa Atxôhã, nunca perdeu uma corrida até a ultima edição dos Jogos Indígenas Pataxó de 2017, um recordista Pataxó.



Figura 4: Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro, 2014. Fonte: Hadja

ARREMESSO DE TAKAPE:



Figura 5: Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro, 2014. Fonte: Hadja

Arremesso de Takape ou lança: em função de haver muita diferença no material das lanças, o comitê organizador dos Jogos achou por bem padronizar o instrumento e as lanças são então fornecidas pela comissão técnica. Cada etnia pode inscrever apenas um atleta e cada atleta tem direito a três lançamentos. Ganha o participante que fizer o lançamento mais distante. (Modalidades disputadas nos Jogos dos Povos Indígenas, Comitê Intertribal).

Antigo instrumento usado para caçar e guerrear, espécie de lança/clava de madeira e ponta de osso, o material mais usado para confeccionar o takape é o Pati, palmeira muito comum na Mata Atlântica. Em várias etnias é comum o uso do takape tanto para caçar quanto guerrear, hoje este importante instrumento já não tem o mesmo propósito, embora os atletas arremessem com grande desenvoltura, usando a mesma técnica desenvolvida há muitas gerações e que hoje é lembrada sendo, uma das modalidades que gera uma grande expectativa de quem fará o maior arremesso. Nos jogos cada equipe escolhe um representante para fazer três arremessos, fica definido o ganhador que fizer o melhor arremesso.

Atualmente, os Pataxó são detentores de 04 títulos nacionais dos Jogos dos Povos Indígenas, sendo Raoni Pataxó bicampeão da Aldeia Barra Velha e Aelson Pataxó bicampeão

da Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha e o atual campeão Mundial dos Jogos Mundiais Indígenas nesta modalidade é Itaguari Pataxó da Aldeia Barra velha.

Tendo como regras:

- Não é permitido o uso de takape de outras etnias;
- O atleta tem que estar usando trajes típicos;
- O arremesso não pode ser feito depois da linha estabelecida, caso o atleta ultrapasse essa linha seu arremesso é desconsiderado;
- Cada Atleta tem direito a fazer três arremessos;
- Ganha quem arremessar mais longe.

Na 1ª Edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas sugerimos ao atual Bicampeão de arremesso de takape, o Raoni Pataxó para que ele treinasse um jovem Pataxó para representar a etnia durante o mundial, o que acabou surtindo um grande feito, pois seu aluno Itaguari Pataxó foi ao mundial e se consagrou como campeão mundial de arremesso de takape e hoje é cotado para representar o povo Pataxó no 2º Mundial dos Povos Indígenas que será possivelmente realizado na Colômbia, ainda sem data definida.

ZARABATANA

“Zarabatana é uma arma artesanal, semelhante a um cano longo, com aproximadamente 2,5 m de comprimento, feito de madeira, com um orifício onde se introduz uma pequena seta, de aproximadamente 15 cm. É uma arma muito utilizada pelos índios amazônicos para caçar animais e aves, por ser silenciosa e precisa. Os povos Matís, Zuruahas e Kokamas a utilizam. Os Matis e Zuruahas têm pouco contato com os não índios, sendo que o primeiro contato aconteceu em menos de 20 anos. Eles habitam a região do Vale do Javari, fronteira com Peru e Colômbia, no Amazonas, e também são conhecidos como os "Caras de onça", por usarem adereços faciais inspirados nesse animal”.

(<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=218>).

A *zarabatana* é uma prova individual onde o participante se posiciona a 20 ou 30 metros do alvo – normalmente uma melancia pendurada em um tripé. O objetivo é atingir o alvo o maior número de vezes. A zarabatana é uma arma artesanal parecida com um cano de aproximadamente 2,5 metros de comprimento. No orifício do cano (de madeira) se introduz uma pequena seta de 10 a 15 centímetros. Os índios usam bastante a zarabatana para caçar aves já que ela é silenciosa e precisa. (Modalidades disputadas nos Jogos dos Povos Indígenas, Comitê Intertribal).

Instrumento de sopro usado para caçar animais de porte médio e também para defesa das aldeias, dependendo da etnia ele sofre algumas alterações de tamanho e matéria-prima utilizada. No caso do Povo Pataxó é confeccionado com bambu ou taboca e enfeitado com penas, são usadas pequenas setas de madeira e pena em alguns casos com veneno, que serve para imobilizar a caça.

Nos jogos cada equipe escolhe dois representantes, sendo um homem e uma mulher para competirem. É colocado um alvo com distancia diferentes para homens e mulheres, no alvo é desenhado uma figura de animal com partes que definem a pontuação, ganha quem fizer a maior pontuação.

Regras:

- Não é permitido usar zarabatana de outras etnias;
- Respeitar a distancia estabelecida.

PATIW MIWKA'AY

Patiw Miwka'ay passou de uma brincadeira antiga para uma modalidade bastante disputada. Nas aldeias essa brincadeira é realizada após cada pescaria, onde os parentes apostam entre si parte do pescado, quem conseguiu arrastar a perna do outro para derrubar ou encostar o pé num tronco de bananeira ou madeira ganha a aposta, isso acontece também antes do banho nos rios como forma de aquecimento nos dias mais frios.

Depois de várias adaptações o Patiw Miwka'ay foi inserido aos jogos, cada equipe deve ter um representante para a luta, os atletas lutam entre si em eliminatórias até se chegar ao grande guerreiro da luta corporal Pataxó.

A luta é realizada em um círculo e os competidores terão três chances para derrubar um pequeno tronco de madeira ou bananeira.

Regras:

- O atleta tem que está usando trajes típicos;
- O lutador só poderá pegar o oponente da cintura pra baixo;
- Não é permitido o uso de produtos que tenham a finalidade de deixar o corpo escorregadio;
- Os atletas devem está com as unhas cortadas para evitar acidentes;
- Não usar brincos, pulseiras e ou outros acessórios de metal ou que possam arranhar ou perfurar;
- O atleta não pode ter atitudes agressivas usando de artifícios desleais como cabeçadas, atingir os olhos, falar palavrões;
- Não pode segurar o oponente pelo pescoço;
- Parar a luta sempre que ouvir o Maraká ou quando o juiz pedir;
- Quando o oponente cair soltar para que não haja acidentes;
- Qualquer atitude suspeita o atleta é desclassificado;
- Respeitar a decisão do juiz no termino de cada luta;
- Respeitar o tempo de cada luta.

“As lutas corporais são realizadas por homens e mulheres e o esporte está inserido na cultura tradicional dos povos que o praticam: os povos indígenas Xinguanos, Bakairis os Huka Hukas e os Xavantes, de Mato Grosso. Os Gaviões Kyikatêjê/Parakatêyes, do Pará,

praticam o Aipenkuit, e os Karajás praticam o Idjassú. Esse esporte foi inserido nos Jogos desde a primeira edição, como apresentação. O desejo de se realizar uma competição de lutas corporais nos Jogos é grande, mas é muito improvável devido à grande diversidade de estilos de luta e técnica. Algumas etnias lutam em pé, outras ajoelhadas no chão, como o Huka Huka. Por isso, fazem-se apenas demonstrações das lutas existentes na cultura indígena brasileira”. (<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=218>).

CORRIDA COM MARAKÁ:

O Maraká (chocalho) é um instrumento usado em festas e rituais. A corrida com Maraká é um das modalidades que emocionam pela forma divertida. Consiste numa corrida de revezamento composta por no mínimo oito atletas, onde cada um percorre uma distancia de 200m, sendo 100m de ida e 100m de volta. Ao retornar o atleta passa o maraká para seu companheiro de equipe que também fará o mesmo percurso. Ganha a equipe que fizer o menor tempo.

Regras:

- Não é permitido correr sem os trajes típicos;
- Não é permitido correr sem o Maraká;
- As equipes têm que ser formadas com o mesmo número de atletas;
- O atleta não pode correr duas vezes, deixando outro atleta da mesma equipe sem correr;
- O Maraká não pode ter uma corda amarrada ao pulso do atleta;
- O atleta tem que fazer todo o percurso estabelecido;
- Não é permitido correr usando algum tipo de calçado;
- Não é permitido atrapalhar o outro corredor.

CORRIDA RÚSTICA:

A corrida foi inserida nos jogos por ter muito haver com o dia-a-dia das aldeias onde crianças, jovens e adultos praticam de forma involuntária, seja correndo pra escola, nas brincadeiras ou em atividades escolares.

O percurso realizado nos jogos não é muito grande para não causar o desgaste nos atletas, pois a intenção não é competitiva e sim uma forma de agregação e celebração entre os participantes.

A corrida Rústica tem uma distancia máxima de dois quilômetros, para os homens e um quilometro para as mulheres, cada equipe é representada por dois atletas que devem correr usando os trajes típicos, nesta modalidade ganha os atletas que chegarem primeiro.

Regras:

- Todos os atletas devem está com trajes típicos;
- Não permitido correr sem tanga;
- O atleta tem que fazer o percurso completo;
- Só poderão correr os atletas que estiverem inscritos para esta atividade;
- O atleta não pode atrapalhar o outro.

Os índios sempre se interessaram em trabalhar seu preparo físico. Com isso, tornam-se verdadeiros competidores, adaptando-se e aprendendo, com a natureza, a caçar e pescar, percorrendo grandes distâncias, atravessando lagos e rios em busca de alimento. O exercício físico é parte do dia a dia das aldeias. Tradicionalmente, a tribo Gavião Kiykatêjê, pratica o Akô (corrida de varinha), em que duas equipes de atletas realizam a corrida de velocidade em círculo, em revezamento de quatro, cujo bastão é uma varinha de bambu. (<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=218>).

NATAÇÃO:

A natação foi naturalmente inserida nas atividades esportivas dos jogos pela facilidade dos atletas na natação. Nesta modalidade um representante de cada equipe nadará aproximadamente 300m de distância. Nos jogos Pataxó normalmente essa atividade é feita no mar e com um percurso pequeno zelando pela segurança dos atletas, pois como muitas aldeias Pataxó são afastadas da praia alguns indígenas sentem o desgaste da natação no mar, mesmo assim todas as aldeias colocam atletas nesta modalidade.

Regras:

- Todos os atletas devem está participando dos Jogos;
- As equipes devem escolher seus atletas e certifica-se de que o atleta esteja em boas condições para nadar;
- A equipe poderá desistir da natação se não houver atleta.

ARCO E FLECHA:

Artefato feito de madeira, o arco e a flecha é a arma mais potente e de maior alcance podendo atingir um alvo a mais de 150m, muito utilizado como arma de guerra e de caça, os arcos medem acima de 1,60m e são usadas flechas com ponta de osso, esporão de Raia e madeira, pode ser utilizado nodoa de bananeira e ou limo de uma espécie de sapo como veneno, cada guerreiro tem o seu próprio arco e dependendo da etnia ele muda de tamanho e de matéria-prima utilizada (Ipê, Pati, pau-d'arco, fibra de embira e dentre outros).

Ser bom de arco e flecha e uma forma de demonstrar para sua comunidade que tem condições de sustentar a sua família na caçada e na defesa.

Povo guerreiro e eximiu caçador, o Pataxó se aperfeiçoou na técnica do arco e flecha. Cotam os antigos que um bom arqueiro podia arremessar uma flecha para o alto e apara-la entre os dedos dos pés. Embora hoje já não se faça o uso do arco e flecha para caçar ou guerrear essa tradição é mantida nos jogos como forma de manter viva a cultura dos arqueiros.

As equipes escolhem dois atletas, sendo um homem e uma mulher para competir. O alvo fica a aproximadamente 50m de distancia para os homens e 25m para as mulheres, cada atleta atira três flechas buscando atingir a parte do desenho de um animal quem tem a maior pontuação. A pontuação será pelo local que a flecha acertar, o círculo maior 50 pontos, o médio 100 pontos e o pequeno 200 pontos.

Regras:

- Não é permitido o uso de arco ou flecha de outras etnias;
- Respeitar a distancia estabelecida do alvo;
- Fazer os três disparos;

O povo Pataxó tem um Campeão nacional de arco e flecha, o Tohô²¹ Pataxó da Aldeia Pé do Monte que conquistou este título durante os Jogos dos Povos Indígenas em Porto Nacional/TO. Atualmente Tohô tem se dedicado à realização de campeonatos de arco e flecha em sua aldeia.

CABO DE GUERRA OU CABO DE FORÇA

O cabo de guerra é uma das atividades esportivas que representa o espírito de equipe que os atletas devem ter durante o evento, esta competição é muito concorrida e deve ser composta por no mínimo oito atletas e pode ser realizada tanto por homens quanto por mulheres. A competição consiste em medir forças, a equipe que puxar a outra além do marco ou permanecer mais tempo com o adversário em seu campo será a vencedora. É uma das modalidades que mais exige condicionamento físico dos atletas e que muitas vezes acabam desmaiando devido ao grande esforço feito para puxar a corda.

Regras:

- Todos os atletas devem usar os trajes típicos;
- As equipes devem ter o mesmo número de atletas;

²¹ Tohô Pataxó é professor de Patxôhã, liderança e presidente da Associação de Etnoturismo da Aldeia Pé do Monte do município de Porto Seguro.

- Não é permitido o revezamento de atletas durante o cabo de guerra;
- Não é permitido o uso de artifícios ilícitos que possam gerar vantagens para equipe;
- Um representante da equipe pode incentiva sua equipe com palavras de motivação;
- Não é permitido falar palavrões;
- O tempo mínimo de competição é de três minutos.

Modalidade praticada para medir a força física, o cabo de guerra é muito aceito entre as etnias participantes de todas as edições dos Jogos, como atrativo emocionante, que arranca manifestação da torcida indígena e do público em geral. Permite a demonstração do conjunto de força física e técnica que cada equipe possui. É uma das provas mais esperadas pelos atletas, pois muitas equipes treinam intensamente em suas aldeias, puxando grandes troncos de árvores. Isso porque, para os indígenas, a força física é de suma importância, dando o caráter de destaque e reconhecimento entre todos. Na preparação de seus guerreiros, os índios sempre procuraram meios de desenvolver e medir a coragem e os limites de sua capacidade na força física.

(<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=218>).



Figura 6: Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro, 2014. Fonte: Hadja

CANOAGEM

A canoagem está presente no dia-a-dia das aldeias próximas à praia e é usada para o sustento das famílias de pescadores que se aventuram nos rios e mares, nas aldeias há uma diversificação dos hábitos culturais dependendo da região em que se encontram, muitos vivem do artesanato, de roças e da pesca. É aí que entra a canoagem, na pescaria, alguns vendem seus pescados nas aldeias ou em cidades vizinhas, nas aldeias há a troca do pescado por farinha, aipim, abóbora, artesanato e outros produtos.



Figura 7: Jogos dos Povos Indígenas, Olinda, 2007. Fonte: Karkaju Pataxó

Na canoagem cada equipe deverá ter um representante, no qual farão um percurso de 200m no mar, remando em uma canoa, caso não haja canoas do mesmo tamanho usa-se caiaques. As equipes são divididas por baterias, cada bateria faz o trajeto e quem fizer o menor tempo se classifica para próxima fase, ao final disputam uma bateria para definir os melhores colocados.

Regras:

- Nesta modalidade não é obrigatório o uso dos trajes típicos;

- As canoas e ou caiaques devem ser do mesmo tamanho;
- Uma equipe não pode atrapalhar a outra;
- O atleta tem que fazer todo o percurso estabelecido.

FUTEBOL

O futebol (masculino e feminino) foi inserido nos jogos de forma espontânea, pois sendo um esporte popular no País e bastante praticado nas aldeias, teve sua inserção como forma de integração entre as equipes.

As equipes devem ser formadas por dez atletas, sendo que dois ficarão na reserva e todos os jogadores devem ser inscrito antes de cada partida.

As equipes jogarão entre si através de sorteio, cada jogo terá a duração de 25 minutos, cada tempo, se houver muitas equipes o tempo de jogo será menor e as regras serão as do futebol, sendo que os atletas devem usar os trajes típicos.

Regras:

- As regras são comuns às do futebol;
- Não é permitido jogar sem os trajes típicos;
- Só poderá jogar os atletas que estiverem inscritos e participando dos jogos;
- Não é permitido o uso de bebidas ou drogas ilícitas.

Conforme as tradições culturais desportivas dos povos indígenas no Brasil, há informações de que etnias que desapareceram, praticavam o jogo de bola com os pés. Podemos citar os indígenas habitantes do Alto Xingu-MT, que praticam um esporte, chamado Katulaiwa, semelhante ao futebol, em que a bola é chutada usando somente os joelhos e a regra se assemelha ao do futebol - do mesmo modo, os Pareci, com o "futebol de cabeça", o Xikunahity. Daí, se considerar que há uma relação tradicional entre os povos indígenas e o esporte com bola. (<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=218>).



Figura 8: 1º Encontro de Pesquisadores Pataxó, Aldeia Pataxó da Jaqueira, 2007. Fonte karkaju Pataxó

Capítulo 4:

O Patxôhã na construção dos jogos

O processo de reestruturação linguística do Povo Pataxó segue de forma contínua e desafiando as adversidades encontradas pela falta de material específico para os professores indígenas, mesmo assim é possível notar os avanços conquistados ao longo dos anos. Um dos principais desafios foi construir uma estrutura linguística tendo um número pequeno de palavras coletadas. Os Jogos Indígenas Pataxó é uma importante ferramenta para o uso do Patxôhã e é o local onde percebemos os avanços do uso da língua Pataxó. Todo o esforço foi concentrado em atividades de campo indo de aldeia a aldeia para entrevistar pessoas que ainda guardavam palavras da língua Pataxó.

A língua que falávamos antigamente, com certeza é da família de línguas Maxakali, pertencente ao tronco Macro-jê. Pois ainda hoje é possível fazermos comparação de sons e significados iguais entre as

duas línguas. Podemos afirmar então que havia semelhanças não só nas linguagens, mas também nos costumes desses povos. (Fonte: Apostila do Atxôhã grupo de Pesquisa da Língua, História e Cultura Pataxó Coroa Vermelha, 2010).

Neste trecho fica clara a afirmação de que na língua Patxôhã há uma quantidade significativa de palavras Maxakali, pois os dois povos Maxakali e Pataxó costumavam se encontrar na costa do litoral sul baiano para troca de produto como farinha, mariscos, caças entre outros. A língua Pataxó ressurgiu graças à persistência dos mais velhos em transmitir para os mais jovens essas poucas palavras para que não se perdessem. Por isso, devemos valorizar o nossos mais velhos pela coragem e persistência em manter esta língua viva entre nosso Povo Pataxó. No Encontro de professores e pesquisadores Pataxó, o coordenador geral falou da importância do grupo de pesquisa e da colaboração dos anciãos Pataxó.

Agente sabe que em cada comunidade já havia alguns grupos trabalhando fazendo esse trabalho de fortalecimento da cultura, da língua e aqui em Barra Velha existe vários relatos de Arauê, Kanatio que na época morava aqui, Zé Raimundo e vários outros e Cumuruxatiba tinha dona Luciana (Zabelê Pataxó). Então várias outras pessoas já viam fazendo este trabalho. Só que eram um trabalho independente que era feito em cada comunidade, daí agente percebendo essa necessidade de fortalecer e valorizar a cultura pataxó e a língua, nós criamos um grupo de pesquisa que pudesse buscar mais essas questões da cultura e da língua para fortalecer e socializar com outras comunidades que havia ou estava fraca nesta questão cultural, adormecida à língua, as histórias, os cantos, as músicas. Então agente criou este grupo para que pudesse valorizar e socializar esses trabalhos que foram pesquisados. O Atxôhã às vezes falam “Os meninos do atxôhã”. O Atxôhã não é só nós não, somos todos nos professores e pesquisadores de patxôhã, quando agente criou essa coordenação de pesquisa Atxôhã foi para melhorar o acesso as informações e os trabalhos dos parentes com o objetivo principal dela e que esses professores juntamente com os coordenadores locais fizesse esse trabalho que agente está fazendo agora que de esta conversando com os velhos, de está socializando esse material e passando para gente para que agente pudesse fazer a revisão desse material e isso nem sempre foi feito pelos professores de cada comunidade e como eu falei e uma coordenação que não tem recurso próprio para isso agente faz com força de vontade e recurso próprio e vai de cada um o interesse de buscar a sua cultura, os seus costumes a sua história da sua aldeia do seu povo. (Voltair Alves dos Santos - Awoy Pataxó Coordenador geral do Atxôhã, Seminário sobre Patxôhã na Aldeia Barra, Porto Seguro, 20/01/2017).

De acordo com o texto acima, o Grupo de Pesquisa Atxôhã é formado por professores e membros das comunidades Pataxó da Bahia e Minas Gerais. Em Coroa Vermelha iniciou no

ano de 1987. Participamos das reuniões realizadas todos os sábados na Escola de Coroa Vermelha para formar palavras ou frases a partir das palavras encontradas na pesquisa feita com os mais velhos das aldeias pataxó. A partir desse grupo de pesquisa a língua Pataxó passou a ser chamada de Patxôhã, a linguagem de guerreiro. O nome Patxôhã é a junção de três palavras PAT: são as iniciais da palavra Pataxó; ATXOHÃ: que é língua; XÔHÃ: que é guerreiro.

Esses encontros eram liderados por Matalawê Pataxó e Naiara Pataxó e participavam também Awoy Pataxó, Ajurú Pataxó, Tawá Pataxó, Jandaia Pataxó, Nitxinawã Pataxó, Sirlene Cahu Lopes, Cirlaine Miranda Lopes, Sirleide Batista Lopes entre outros. Com o passar do tempo alguns seguiram outro rumo e ficaram alguns responsáveis em conduzir os trabalhos de pesquisa como coordenador Geral do Atxôhã, Awoy e Ajurú da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha. E escolheu-se um coordenador local em cada aldeia pataxó. Estes coordenadores tem um papel importante na pesquisa para o Atxôhã para que atenda a demanda de todas as comunidades pataxó, pois eles são responsáveis em coletar materiais como histórias, músicas, palavras entre outros trabalhos realizados pelos professores de Patxôhã.

Contudo não ficou só na coleta de palavras nas aldeias. Em 1997 um pequeno grupo se formou na aldeia Pataxó de Coroa Vermelha e começou a discutir os rumos do uso da língua Pataxó, dando continuidade ao que já vinha sendo feito em outras aldeias e por alguns mantenedores da cultura. Em Coroa Vermelha foi se desenhando o que temos hoje que foi a criação de coordenações de áreas, onde em cada aldeia foi escolhido uma pessoa para ser o coordenador. O papel do coordenador de área é o de coletar e registrar informações e dados sobre a cultura, história e língua Pataxó para que pudesse ser socializado nos encontros de Professores e Pesquisadores Pataxó. Esse material coletado era examinado e debatido no encontro onde várias pessoas são convidadas para ajudar nos debates sobre os dados coletados. Após esse processo os dados são incorporados aos que já existe e assim a manutenção da cultura, História e língua Pataxó continue superando os desafios de se manter uma cultura viva.

Contudo na medida em que as pesquisas nas aldeias avancem referente à língua os resultados desta pesquisa aparecem em vários aspectos do dia-a-dia das comunidades Pataxó e em especial nos Jogos Indígenas Pataxó este resultado aparece nos cantos e danças, nas

conversações entre os atletas e nas modalidades com os nomes em Patxôhã. Segundo SANTOS:

Para entendermos o motivo de nós pataxó não falarmos mais a nossa língua, é importante lembrar e considerar várias coisas. Uma delas é entender que a nossa língua não foi perdida. Nos foi proibido e negado o direito de continuarmos falando a nossa língua. Fomos aldeados á força, mas nem tudo foi perdido de nossa língua antiga! Pois com a ajuda resistente dos mais velhos, foi possível preservar nas memórias que mais tarde possibilitou para que nos professores e pesquisadores indígenas pudéssemos revitalizar a nossa língua que denominamos como Patxôhã. (Monografia Voltair Alves dos Santos – Awoy Pataxó, Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha, Outubro 2010).

Segundo o texto de SANTOS, o povo Pataxó destaca-se pelo trabalho de manutenção da língua e segue sendo exemplo para as etnias que lutam para manter o uso da língua e os Jogos Indígenas Pataxó é uma das ferramentas usadas para essa manutenção. Vários aspectos podem ser usados como exemplos nesta manutenção linguística nos Jogos Pataxó, como por exemplo, o crescente número de músicas na língua, é muito comum que cada equipe traga em seu repertório músicas Pataxó, como também o dialogo entre os atletas fazendo uso do Patxôhã. Essas alternativas de manutenção de seus usos, costumes e tradições possibilita afirmar que os Jogos Indígenas Pataxó em sua essência traz a vontade de um Povo em seguir firme em suas tradições. Mesmo morando em aldeias, muito diferentes de antes é claro, até porque era um povo nômade, mas que ainda preservar essa forma de vida com uma pratica muito comum de migração entre as diversas aldeias. Segundo SANTOS:

Alguém pode até ficar pensando: por que um povo considerando agressivo foi convencido em deixar pra lá sua cultura, sua língua e suas tradições? Será que foi vencido pelas perseguições diversas, calou, cansou da luta e abandonou valores e ideais? E mesmo poderão afirmar: a língua Pataxó está morta. Pataxó deixou sua língua para lá aprendeu a língua do colonizador, por ai vai. Não é verdade. Para entendermos o porquê que a língua Pataxó ficou adormecida é importante lembrar e considerar várias coisas. Porque a nossa língua não foi perdida, como dizem. A língua Pataxó estar no nosso dia a dia. Fomos aldeados à força, mas nem tudo foi perdido de nossa língua antiga! Pois com a ajuda resistente dos mais velhos, foi possível preservar nas memórias musicais e no uso diário, uma quantidade de palavras de grande valor para nós. A língua que falávamos é da família de línguas Maxakali, pertencente ao tronco Macro-jê. Pois ainda hoje é possível fazermos comparação de sons e significados iguais entre as duas línguas. Podemos afirmar então que havia semelhanças não só nas linguagens, mas também nos costumes desses povos. (Voltair Alves dos Santos - Awoy Pataxó, Acervo da Coordenação Atxôhã, 2002).

Para SANTOS, os coordenadores indígenas dos Jogos Indígenas Pataxó e lideranças estão preocupadas em manter o jeito de ser Pataxó e afirmar os costumes e tradições, ciente do papel que a organização tem em realizar um importante mecanismo de manutenção cultural e tem se empenhado em motivar as aldeias através de seus mobilizadores culturais de que o espaço dos Jogos é de suma importância para a manifestação viva da cultura. Isso nos leva a pensarmos novas formas diferentes, de fazer estudos e praticas da língua Pataxó.

Neste sentido a Coordenação de pesquisa da língua Pataxó, o Atxôhã torna-se primordial para o desenvolvimento do evento, pois não haveria sentido realizar os Jogos sem pensar na sua junção. A coordenação atxôhã é responsável pelo desenvolvimento e manutenção do Patxôhã. Este trabalho ajuda na criação de novas performance cultural através das músicas, pinturas, cantos e danças, cada líder das equipes buscam com os coordenadores de área do atxôhã desenvolver novas músicas e com isso fazem do espaço dos Jogos uma vitrine para apresentação dessas músicas para as outras equipes, sendo muito comum que essas novas composições ganhem também outras releituras em outras aldeias.

4.1 A música e dança Pataxó

A música e dança Pataxó tornou-se uma ferramenta importantíssima na afirmação e valorização da cultura Pataxó. As músicas foram importantes para a manutenção de expressões da língua que se mantêm ao longo dos anos, mesmo com as influencia imposta pelo contato frequente e contínuo com a cultura não indígena, a música tornou-se um forte instrumento de resistência do Povo Pataxó. Com o passar dos anos e já com o trabalho de pesquisa realizado pela coordenação Atxôhã novas musicas surgiram e estão surgindo fortalecendo assim a cultura Pataxó.

A música e dança nos Jogos Indígenas Pataxó tem um papel muito importante, quando assumir em 2.005 a coordenação dos Jogos Pataxó de Coroa Vermelha fiz uma provocação às equipes que fariam parte do evento para que cada uma no ato da inscrição apresentasse uma música nova na língua Pataxó. Esta provocação fez com que a cada edição dos jogos fossem apresentadas novas performance de música e dança, permitindo assim um maior contato com o nosso idioma e fez com que todos das equipes se envolvessem, bem como também fazerem uso da língua Pataxó.

Podemos então definir a música e dança Pataxó como um dos principais elementos de construção afirmativa num processo contemporâneo na cultura indígena Pataxó. Música e a dança Pataxó fazem parte do Heruê, também conhecido comumente por Awê: amor e união espiritual. Ele é uma cultura, uma tradição, é ritual sagrado muito importante para o nosso povo que deve ser cultivado de forma coletiva, pois é a nossa religião ancestral. Segundo HUIZINGA:

... É a linguagem que lhe permite distinguir as coisas, defini-las e constatar-las, em resumo, designá-las e com essa designação elevá-las ao domínio do espírito. Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza. (HUIZINGA, Homo Ludens, 2000, p. 7).

Nos Jogos mantemos essas apresentações livres, para que cada equipe possa fazer uso da criatividade e trazendo novas melodias e formas de dança. Embora seja comum cantar e dançar em grupo, em roda e em filas, usando roupas e utensílios tradicionais como: tanga, cocar, maracá, colares e com as pinturas corporais com jenipapo, carvão, barro e urucum, nos jogos estes coloridos deixam a autoestima do povo bastante elevada.

Todos os parentes na aldeia podem participar da música e a dança só que com algumas regras, como: não se misturar homens e mulheres. Observar contos de homens e mulheres, os contos que os homens e mulheres contam juntos. Valorizamos e utilizamos nossas danças tradicionais dos variados ritmos. Dessa forma valorizamos as músicas cantadas em patxôhã ou em português porque ela demonstra nosso carinho e amor pela natureza. Pois todas elas são importantes como fonte de grande bravura, resistência e tradição da nação Pataxó.

As música e danças são usadas nas festas, rituais, casamentos, comemoração, jogos, preparações, nas apresentações e no nosso dia-a-dia. Cantamos e dançamos ao mesmo tempo para nos espertar e dar força pra viver, partilhando de todos os momentos que a vida pode nos proporcionar.

A música e a dança aliviam o corpo, tira os maus espíritos, espantando-os para longe, deixando nosso povo protegido. Servem para celebrar a vida e a morte, a paz e guerra, a felicidade e tragédia. Servem para invocar os espíritos e os antepassados, os espíritos guerreiros, a força pra lutar que nosso povo e a nossa cultura têm grande valor.



Figura 9: Jogos Indígenas Pataxó, Porto Seguro/BA, 2013. Fonte: Hadja

Quando estamos juntos cantando e dançando fazemos é uma terapia e concentração. Revela o que o ser humano esta sentindo: se ele estiver contente ou triste. Na alegria da dança despertamos sentimentos de respeito aos irmãos, a natureza e o sagrado. A dança nos faz pular, rodar, assim demonstrar que somos um povo feliz. No tempo de tristeza, o luto promove a reflexão, a partilha da dor, à renovação da fé, à busca do infinito.

É por tudo isso que a música e dança têm servido para despertar em nós, o desejo e iniciativa de revitalizar e fortalecer cada vez mais a nossa cultura: nossa historia, nossa língua e nossas tradições. Tem sido grandes aliadas na união e na luta pela reconquista de nosso território e nossos direitos.

A música e dança Pataxó é a expressão de sons e ritos envolventes da cultura de um povo que luta bravamente pra não desaparecer. Elas representam a historia passada, a luta presente e os sonhos deste povo que não tem medo de viver.

A dança é forte, suave e atraente, mistura que é à expressão de um povo guerreiro: a marcha pra luta, a volta vitoriosa, a festa gloriosa.

A música e dança é harmonia e paz a nossos corações. Elas levam o mal e a infelicidade espiritual. Elas nos trazem vida e nos faz renascer e prosperar no amor e na alegria.

A música e dança Pataxó são espíritos de luz: a música é um espírito misterioso, emotivo, encantado. O espírito da dança é o espírito de união, interação e alegria. Juntos trazem a magia e sonhos para um povo sofrido, porém feliz.

Cantamos e dançamos em homenagem e gratidão as nossas origens. Nossos corações se agitam. Nossas mentes se silenciam. Nossas almas se encontram e trocam afagos e energias. Nossos corpos se completam e pedem mais. Nossa vida se refaz no espírito de um Deus pleno que nos ama e que também o amamos com grande fervor.

4.2 Pinturas e símbolos

A arte é uma das características universais da cultura e a pintura corporal é um bem cultural de grande valor para os Povos Indígenas, ela está presente em toda e qualquer sociedade, desde a mais simples até a mais complexa.

Independente de época e espaço de tempo, o homem buscou através da sua imaginação criadora satisfazer as suas necessidades de expressão estética. Os Pataxó passaram a ter um padrão de pintura definido após uma discussão que houve na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha em 2002, durante um encontro organizado pela coordenação Atxôhã entre Pataxó de várias aldeias, neste encontro ficou estabelecido os critérios e padrões da pintura corporal Pataxó.

Uma sociedade tem no grafismo, um instrumento visual para representar as suas crenças, costumes e tradições. As sociedades indígenas utilizam-se dessa arte para compor a ornamentação do corpo não só em ocasiões e cerimônias especiais, mas também, no seu cotidiano.

Esses grafismos identificam cada tribo expressando uma variedade de motivos básicos exclusivos formando padrões distintos. Para essas sociedades, ele representa um cartão de

identidade para aquele que o usa. A linguagem visual transmite a cada tribo um significado especial, caracterizando, identificando-o e distinguindo-o dos demais.



Figura 10: Jogos dos Povos Indígenas, Olinda, 2007. Fonte: Karkaju Pataxó

No trabalho realizado pelos pesquisadores indígenas Pataxó foram identificados os aspectos simbólicos da pintura corporal Pataxó, seus valores e significados. As pinturas são feitas nos braços, pernas, costas e rosto, respeitando as especificações para os homens, mulheres e crianças. Os homens e mulheres casados usam pinturas simples para não chamar muita atenção, enquanto os solteiros usam pinturas e adornos que chamam bastante atenção, com a intenção de seduzir a pessoa do sexo oposto.

As pinturas dos braços e do rosto são iguais para todas as aldeias e membros Pataxó. Pernas, costas e tórax são livres desde que respeite os padrões específicos do Povo Pataxó. Todos devem ser rigorosos quando fizerem as pinturas dos braços e rostos, seguindo os significados das pinturas masculinas e femininas. Na pintura feminina, os braços não devem ser colocados os símbolos das aldeias, pois as mulheres são símbolos da origem da vida.

Os materiais usados para fazer a pintura são: Jenipapo, urucum, carvão, barros de várias cores e pigmentos de vegetais.

Considerações finais

Concluo, reafirmando os pressupostos e imperativos para se conceber, elaborar e implementar os Jogos Indígenas Pataxó em toda sua amplitude cultural e esportiva. Primeiro, considera-los os Pataxó como cidadãos plenos, com direitos específicos e diferenciados. Em segundo, entendendo que os Pataxó são sujeitos históricos milenares e autônomos e que, nos marcos do Estado, garantiram o direito de continuar vivendo de acordo com suas autonomias culturais, linguísticas, territoriais e suas epistemologias. O que por si só justifica a existência deste evento, com as suas características próprias associadas às praticas culturais de cada aldeia envolvida, portanto sendo de extrema relevância estudar, pesquisar, aprimorar e potencializar todas as suas áreas de abrangências de cunho material e imaterial presentes nos jogos.

A abordagem desse tema na cultura indígena como objeto de estudo, não se restringe às estruturas do evento, mas engloba os processos sociais, econômicos e culturais que moldam a Cultura Pataxó. Os Jogos Indígenas Pataxó é hoje um dos símbolos forte da cultura Pataxó, daí a necessidade da integração esporte/cultura na reflexão e desenvolvimento de ações que concretizem tal princípio.

As imagens do passado são como “Memória/Arquivo de identidade”, que ao longo da história dos jogos é somada à determinação dos atletas, revitalizando aspectos importantes da cultura indígena, construindo um acervo intrínseco tanto na busca de registrar como nas projeções de natureza simbólica. Via da arte é essencial à elaboração da identidade étnica e das representações que nela se configuram na memória dos mais velhos, dos mais jovens e para as futuras gerações.

Como pesquisador e coordenador do evento destaco os seguintes avanços e sugestões de aprimoramento pensando no quão importante se tornou os Jogos Indígenas Pataxó para as comunidades Pataxó e etnias convidadas que participam dos jogos. Primeiro, os avanços se deram no aumento significativo da autoestima do Povo Pataxó, podendo ser percebido durante as atividades esportivas e culturais, bem como no envolvimento dos atletas independentemente do sexo ou idade. Segundo, os avanços na melhoria dos adornos e pinturas que a cada edição veem se destacando e ganhando novos designers contemporâneos. Terceiro, as manifestações de encontros entre parentes que se reencontram e celebram essa vivencia nos jogos.

Portanto é de suma importância que se avancem as pesquisa sobre os Jogos Indígenas Pataxó e seus resultados, no entanto pude observar nesta pesquisa que há de ser fazer aprimoramentos no evento, potencializando o que já está consolidado a exemplo das atividades esportivas e culturais e ampliando a grade de modalidades de jogos e brincadeiras presentes nas comunidades Pataxó e nas etnias convidadas. Sendo assim destaco a importância das escolas indígenas neste processo de manutenção da cultura, pois é nas escolas que estas manifestações estão mais presentes e crescente em seu desenvolvimento. Os Jogos Indígenas Pataxó tornou-se uma grande referencia para outras etnias e o formato desenvolvido pelos Pataxó tem sido copiado por outras etnias como reflexo de um evento bem elaborado, mas que deve ter mudanças no formato do evento, para que não fique engessado impossibilitando seu crescimento e suas potencialidades. Contudo sem perder a sua essência principal, que é a de celebrar.

Referências:

BOMFIM; Anari. Pataxó, “Língua de Guerreiro” um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2012.

GRÛNEWALD, Rodrigo de Azevedo - “Os índios do Descobrimento: Tradição e turismo”. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001.

HUINZINGA, Joran. Homo Ludens, Editora Perspectiva S/A, São Paulo, 2000.

POVO PATAXÓ, Apostila de Patxôhã (Grupo de pesquisa da língua, história e cultura Pataxó) professores e membros da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, 2010.

SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. Breve história da presença indígena no extremo sul Baiano e a questão do Território Pataxó do Monte Pascoal, Cadernos de História, Belo Horizonte, 2000.

SANTOS Voltair Alves e SANTOS, Vagner Alves. A língua Pataxó na Comunidade de Coroa Vermelha. Monografia (Magistério Indígena). Secretaria Estadual de Educação e Cultura da Bahia, 2010.

Referencias nos sites:

www.funai.gov.br

www.google.com.br

www.icmbio.gov.br

<https://pib.socioambiental.org>

www.comciencia.br

www.educacaofisica.seed.pr.gov.br (acesso em 10 de abril de 2017)

https://www.youtube.com/watch?v=zYJY_a4Klfs Canal do YouTube: Karkaju Pataxó (acesso em 19 de junho de 2016).